

# Livro «a la gorra»

Este é um livro «a la gorra». Eu imprimo e reparto exemplares livremente, com o desejo de que circulem entre os leitores.

O livro é um veículo para minha obra. Se você gosta, pode apoiá-la com uma contribuição voluntária. Esse sistema me permite publicar sem depender da burocrática e incerta indústria editorial.

Existem várias formas de efetuar um pagamento:

- **Em dinheiro**

- **Banco:** o alias é *jmgurrera1*

- **Paypal/Cartão de Crédito:** [paypal.me/jmgurrera](https://www.paypal.me/jmgurrera)

- **Mercado Pago:** [jmgurrera@gmail.com](mailto:jmgurrera@gmail.com) ou mediante o código QR que pode ser encontrado no meu site.

- **Binance:** [jmgurrera](#) ou por meio do código QR que pode ser encontrado no meu site

Se tiver outras ideias, me contate. Obrigado :)

# Demasiado ruido pela manhã

Juan Manuel Guerrero

*Para aqueles que, mesmo sem forças, vão em frente.*

# Introducción

É março de 2022.

Me sinto cheio de força. Eu olho para o futuro e não posso deixar de me perguntar quanto tempo vai durar. Respondo que não sei, mas agora é hora de abaixar a cabeça e seguir em frente.

Este é o terceiro «livro seleção» que publico. É uma compilação de relatos dos oito livros que escrevi até agora. É difícil não pensar que já qualquer um escreve oito livros.

Estão incluídos aqui relatos de todos esses livros. Desde os mais recentes como *Feliz denúncia penal!*, até os mais antigos como *O possível*.

O principal critério de seleção foi a qualidade, sempre a partir da minha própria subjetividade e, sobretudo, dentro das humildes possibilidades disponíveis. Em seguida, a não repetição de histórias com o primeiro «livro seleção». E por fim, a diversidade.

Como de costume, além de gratuito, o livro se publica sob uma licença muito livre de Creative Commons. Isso significa que todos podem imprimi-lo, vendê-lo e ganhar milhões com ele. Se alguém conseguir este último, agradecerei muito que me contem os detalhes da experiência.

Agora que a obrigação de algumas palavras introdutórias foi cumprida, passemos aos relatos de uma vez por todas.

# Syrniki

Kiev, Ucrânia, 2014. O contexto é dramático. Após meses de protestos e confrontos com a polícia na praça principal, a revolução (*Euromaidan*) derrubou o governo pró-russo em fevereiro. Os manifestantes e o novo governo querem fazer parte da Europa. No Leste, os ucranianos pró-Rússia se opõem a essas intenções e promovem a secessão de suas regiões, apoiadas pela Rússia. De fato, alguns dias depois, a República Autônoma da Crimeia (até então parte da Ucrânia) declarou sua anexação à Rússia. O novo governo ucraniano não está disposto a permitir mais perda de território. A tensão militar no Sudeste cresce até se tornar uma «guerra de baixa intensidade». Sou argentino, remoto, mas estou na Ucrânia. Embora não viva em Kyiv, minha presença não é acidental.

Em 17 de julho o conflito se torna imprevisível. Um avião de passageiros cai na região leste de Donetsk, perto da fronteira com a Rússia. As vítimas são mais de trezentas, a maioria holandesas. A confusão é enorme. A Ucrânia culpa os rebeldes pró-Rússia e a Rússia. E estes acusam a Ucrânia. Sem conhecer a causa do incidente, é impossível prever as consequências. No dia seguinte, visito a embaixada holandesa com minha bicicleta. A calçada está transbordando de flores.

A incerteza torna-se quase insuportável. Muitos ucranianos acreditam que a invasão da Rússia é iminente. Se isso acontecer, os russos poderão chegar a Kiev em questão de horas. Os mais velhos dão por certo, mas já estão resignados demais para fazer algo a respeito. Há muitos anos de abuso, corrupção e injustiça, ucranianos ou russos, em suas costas. Acreditam que nada vai mudar, de nenhuma forma, com qualquer um dos resultados possíveis. Alguns ucranianos que conheço movem-se preventivamente para o oeste. Muitos me recomendam fazer o mesmo. Eu não posso, não devo e não quero.

Acompanho desnecessariamente o andamento dos eventos através da mídia ucraniana. A comunicação pública é mais um campo onde se trava a batalha político-cultural entre a Ucrânia e a Rússia, uma relação de desacordos que já dura centenas de anos. Os últimos dias são apenas o capítulo mais recente e de forma alguma o último. A Ucrânia fala ucraniano no oeste e russo no leste. Kiev fala ambos, embora nos últimos meses a

influência do ucraniano tenha crescido. Falo perfeitamente ucraniano e russo, mas durante a minha estadia em Kiev, escolho falar apenas inglês e espanhol.

Além de acompanhar a mídia, recebo informações em primeira mão de meus novos «amigos» ucranianos. São jovens profissionais que participaram ativamente durante a revolução. Alguns trabalham no exterior, outros não, mas todos resistem sem motivo à ideia recorrente de emigrar. Eles se interessam por mim porque estão aprendendo espanhol. Me contam histórias incríveis sobre seus dias acampando na praça principal. E também, com muita cautela, me falam sobre suas atividades atuais. Um deles, Anatoly, dirige seu carro toda semana para levar remédios para as linhas de frente no Leste. Outra, Vlada, trabalha como enfermeira voluntária em campanhas de doação de sangue para combatentes. Todos doam parte de seu salário ao novo governo, por decisão própria, para sustentar as finanças do novo governo revolucionário. Assim como a Argentina, a Ucrânia está quebrada há anos.

Sinto uma enorme atração por Vlada. Acho que ela sente o mesmo por mim. Mas também acho melhor deixar as coisas como estão.

No final de julho, quase nada mudou. Sem mencionar, todos vão dormir com o pensamento aterrorizante de que talvez tenham que acordar no meio da noite porque a Rússia invadiu a Ucrânia. Eu não. Eu posso dormir muito tranquilo.

É de manhã. Estou deitado olhando pela janela. O calor é sufocante. Finalmente recebo uma mensagem telefônica, com a hora e o local indicados. Não me resta muito tempo. Me levanto, tomo um banho e vou de bicicleta para o sudeste da cidade. Após quarenta minutos de pedalada, chego muito suado ao Museu do Genocídio do Holodomor. Odeio estar encharcado de suor, mas estou disposto a tirar vantagem disso. Encontro uma torneira e literalmente vou para baixo dela. Ainda estou encharcado, mas pelo menos agora é de água.

Não é a primeira vez que estou no Museu. Mais do que um museu, o local parece-me um grande monumento no centro de um parque sem fim, onde também existem outros monumentos. O Monumento é muito estranho e consegue transmitir o choque do acontecimento que recorda. Estima-se que durante a fome do Holodomor, produto da coletivização da terra promovida pela União Soviética, morreram nada menos que três milhões de

ucranianos. Acho difícil aceitar que turistas posam despreocupadamente, ou mesmo em poses lúdicas, ao lado dessa lembrança de horror.

Caminho com a minha bicicleta pelo parque, procurando novas perspectivas do Monumento, mas também do acontecimento histórico. Conheço os detalhes da história, suas variantes e interpretações, mas sempre é possível fazer novas perguntas, tanto sobre o antes quanto o depois, passando pelo próprio presente. Quanto há dessa fome que parece distante no que estamos vivendo nos dias de hoje?

No entanto, acima de tudo, ando pelo parque à procura dela. Quando a vejo, reconheço-a imediatamente. É mais bonita do que eu imaginava, um verdadeiro inconveniente. Está gravando uma nota para a televisão. Fala com naturalidade e carisma. Atrás, como se ela o defendesse, fica o sudeste da Ucrânia. Cerca de quinhentos quilômetros naquela direção, as tropas básicas ucranianas estão tentando impedir a desintegração do país.

Aproximo-me com a minha bicicleta e me junto ao círculo de curiosos que assistem à gravação da nota. Em um instante quase imperceptível, confirmo que ela me registra. Quando a nota termina, os espectadores se dispersam. Eu me aproximo e me apresento. Começo pedindo desculpas pela minha roupa embaraçosa. Ela ri. Diz que me entende, que também gosta de bicicletas. Estende a mão para mim e pronuncia gentilmente seu nome para meu ouvido estrangeiro: Oksana Tsybenko. Digo a ela que sou argentino, escritor, que minha viagem pelo Leste Europeu me trouxe à Ucrânia e que estou muito interessado em escrever sobre o que está acontecendo. Quase não estou mentindo. Digo que gostaria de convidá-la para um café. Ela me diz que não pode naquele momento, tem que terminar a produção da nota, mas aceita minha proposta de nos encontrarmos mais tarde.

De fato, nos encontramos algumas horas depois em um pequeno café no centro de Kiev. Temos uma conversa casual que vai da dramática realidade ucraniana para nossas histórias pessoais. Depois de quase duas horas de conversa, ela tem que ir. Confesso que gostei muito de conhecê-la e da conversa. Protegido por minha identidade argentina, dou mais um passo e digo que gostaria de vê-la novamente. Sugiro que nos encontremos no dia seguinte e andemos de bicicleta até o Monumento da Pátria. Ela está surpresa, mas não chateada. Sorri, olha para longe e pensa por alguns segundos. No final me olha com intensidade e diz que sim.

No dia seguinte, nos encontramos novamente no centro com nossas bicicletas. Ela está atrasada por causa do trabalho. Se desculpa sinceramente pelo atraso. Lhe digo que, como argentino, não sei bem o que é pontualidade e que, seja o que for, pouco me importa. Ela ri. Saímos em direção ao Monumento. Somos acompanhados pelos últimos lampejos de luz de um longo dia de verão. Fazemos paradas no caminho para beber água ou conversar sobre alguma curiosidade que ela queira me mostrar. Quando chegamos, mais de uma hora depois, já é de noite.

O Monumento é visível desde muito antes. Deve ter uns cem metros de altura. Está situado no meio de um grande parque. Consiste em uma gigantesca mulher de metal, com uma espada e um escudo. Quando chegamos ao parque, descemos das bicicletas e o acessamos a pé. Já estive ali várias vezes, mas digo a Oksana que é a primeira vez.

Uma vez no parque, passamos por dezenas de estátuas de estilo soviético e uma exposição de antigos tanques militares. Ao chegarmos ao pé do Monumento encontramos uma cerca que nos impede de subir as escadas até à base. Já é tarde demais e está fechado. De cima, seria possível desfrutar de uma vista espetacular.

Oksana não hesita nem por um segundo. Me pega pela mão e me arrasta até a cerca. Com enorme naturalidade, nós pulamos. Subimos as escadas e chegamos ao topo da base. Naquele lugar, bem na nossa frente, há uma câmera de segurança apontando diretamente para nós. Oksana não a vê. Olho para ela por alguns segundos. «Sou um idiota, vou estragar tudo» penso. Não tenho muito tempo para conceber alternativas. Só me resta seguir em frente. Oksana pega minha mão novamente e me guia pela base circular, de onde podemos ver a noite ucraniana nas quatro direções. O momento é lindo. Antes de mergulhar nisso, penso na câmera uma última vez: «Provavelmente não funciona, e se funcionar, ninguém viu, e se alguém viu, que não se importe. Como na Argentina.»

Andamos despreocupados, principalmente ela. Aponta diferentes pontos luminosos da cidade. Não há ninguém ao nosso redor. Apenas o vento do espaço aberto corta o silêncio. Faz calor. Em um ponto, ela se cansa ou toma uma decisão, e descansa as costas na larga borda de concreto. A vastidão da Ucrânia está às suas costas. Não há muito mais que eu tenha que fazer. Me aproximo e a beijo. Nos beijamos lentamente.

As vozes de dois oficiais ucranianos interrompem a jornada mágica nos lábios de Oksana. Em tom de repreensão, nos lembram que o local está

fechado, que cometemos o crime de violar a cerca e que vamos ter que acompanhá-los até a delegacia. «Putá merda», penso. Finjo não entender nada e olho para Oksana. Quando os oficiais terminam, Oksana toma a palavra. A cena é bem argentina. Ela explica que é jornalista, que sou turista, que fomos até o local de bicicleta, que ela queria me mostrar aquele lugar lindo, etc. Acho que os oficiais a reconhecem, mas não dizem nada. Eles nos pedem os documentos. Eu só tenho uma fotocópia em péssimo estado do meu passaporte.

Os oficiais olham para mim, olham para a fotocópia e protestam com Oksana pela insuficiência da minha documentação. Como se estivessem lendo a fotocópia, eles escrevem qualquer coisa – isso me surpreende – em um caderninho. Após as anotações sem sentido, eles começam a me interrogar usando Oksana como intérprete. Ela traduz do ucraniano para o espanhol – sim, ela fala espanhol graças a Natalia Oreiro – e vice-versa. As perguntas dos oficiais são as mais erráticas. Começam por ser ameaçadores e tentam fazer eu aceitar que violei a lei. Evito-o com um movimento ao estilo Maradona e desempenho plenamente o meu papel de turista ingênuo. Às vezes vislumbro um sorriso quase imperceptível no rosto de Oksana. Então as perguntas se voltam para uma informalidade mais mundana. Há alguns dias, a Argentina perdeu a final da Copa do Mundo para a Alemanha e as autoridades me questionaram sobre isso. Eu respondo, mas não posso confiar ou relaxar. Talvez se emocionam quando lhes digo que, como qualquer outro argentino, vou me lembrar daquele jogo com tristeza sem fim pelo resto dos dias da minha vida. Então as perguntas se endurecem novamente: por que estou na Ucrânia, se sei o que está acontecendo etc. Perguntam de onde venho e para onde vou. Polônia e Rússia, eu respondo. Eles se concentram na minha partida para a Rússia: quando vou para lá, por que, se não estou preocupado que não me deixem sair da Ucrânia ou que não me deixem entrar na Rússia, etc. Então voltam para a Argentina novamente e me perguntam sobre a carne, o vinho, os imigrantes ucranianos, etc. No final, depois de mais de uma hora de perguntas, os oficiais nos informam que podemos ir. Nada aconteceu. Eles estavam entediados e queriam aproveitar nossa descoberta para passar o tempo. O turno da noite pode ser muito longo, nos confessam.

O alívio é tão grande que não me incomoda que a polícia tenha abusado de sua autoridade para brincar conosco. Na verdade, depois de ter beijado Oksana, nada me incomoda.



Descemos da base do Monumento junto com os policiais. Despedimo-nos deles com estranha familiaridade. Quando chegamos às bicicletas com Oksana, nos beijamos novamente. Já em andamento, atravessamos a noite deserta de Kiev. Fazemos um pequeno passeio pelo Parque Mariinsky. Visitamos a Fonte e o Ministério da Saúde. Voltamos à rua e minutos depois fazemos o mesmo com o parque que circunda o Monte Volodymyrska. Percorremos de bicicleta — exceto nas subidas — e visitamos cada uma dos pequenos gazebos do parque, onde é possível sentar, beijar e desfrutar de uma vista privilegiada do rio, principalmente durante o dia.

A atração física por Oksana é tão forte que flertamos com a ideia de fazer sexo ali mesmo no parque. A experiência recente com a polícia nos atrasa. Decidimos ir ao apartamento dela. Lá, a noite com Oksana é longa e intensa.

Nos dias seguintes nos vemos novamente à noite. Não tenho muito tempo em Kiev e preciso encontrar um novo apartamento. Oksana me convida para ficar com ela. Aceito: é o que eu procurava.

Durante o dia, Oksana trabalha como jornalista fora de casa. Ela cobre a relação Ucrânia-Rússia há anos com paixão profissional e pessoal. A partir da premissa inegociável da transparência, desenvolve seu trabalho jornalístico a partir de uma postura crítica ácida à Rússia e ao que chama de «neo colonialismo russo». Em particular, investiga os mecanismos utilizados pela Rússia para exibir sua influência política nas instituições ucranianas e sua influência cultural sobre a população ucraniana, especialmente a população russófona do leste. Entre os «fantoques políticos da Rússia» inclui pelo menos metade dos políticos ucranianos, incluindo quase todos os presidentes ucranianos pré-revolucionários.

Estes são dias hipersensíveis para a tarefa jornalística de Oksana. Não é de surpreender que viva sob ameaça. Quase diariamente, ela e sua família recebem ameaças de morte. O jornalismo é uma tarefa de alto risco na Ucrânia; corrupção, negócios e impunidade são grandes demais. Ela me garante que já está acostumada. Pela minha própria experiência, sei que ninguém se acostuma com esse tipo de coisa.

De manhã, Oksana geralmente prepara deliciosos *syrniki*. Conversar com ela no café da manhã me dá muito prazer. Ela me beija antes de sair. Enquanto ela trabalha, fico no apartamento, protegido da insuportável tarde de verão ucraniana. Dedico-me à escrita. Sobre ela.

Na parte da tarde, vamos explorar a cidade de bicicleta. Já de noite, se faz muito calor, tomamos banho nus nas águas pouco confiáveis do Dnieper. Fazemos amor no rio, ou nas praias de areia que o rodeiam, ou nos bosques das ilhas que o param sem querer. Quando voltamos ao apartamento, o ritual recomeça.

Entro no avião. Durante o voo, aproveito para corrigir as páginas escritas nos últimos dias. Quando o avião aterrissa em Moscou, ainda não terminei.

Passo pelos controles sem problemas. Pego um táxi até o centro da cidade. Indico o destino ao taxista: Smolenskaya. Peço-lhe que por favor não se apresse. Enquanto o carro acelera em direção ao centro da cidade, continuo editando o documento a toda velocidade. Não tenho certeza se conseguirei terminar a tempo, mas também não é possível adiar a reunião com meu cliente.

Falta pouco para chegar. Durante curtos intervalos de reflexão, admiro os edifícios luxuosos da capital russa. Os moscovitas convivem uns com os outros com uma enorme naturalidade, quase tanto quanto a distância com que vivem o conflito com a Ucrânia.

Chegamos. Desço e caminho cerca de duzentos metros para o sul. Entro no imponente edifício, uma das Sete Irmãs. Me anuncio. Subo pelo elevador. Mikhail Belotelov está me esperando no corredor. Ele aperta minha mão e me conduz ao escritório.

Não chegamos a sentar. Quase não falamos. Tiro o pen drive do meu bolso e o entrego. Ele o coloca em seu laptop, abre o documento e lê alguns parágrafos. «Bom trabalho», me diz. Abre uma gaveta da escrivaninha, tira um saco de papel e me entrega. Abro a bolsa, olho os pacotes de rublos, fecho e coloco na mochila. Quando estou pronto, me acompanha até o corredor, aperta minha mão e se despede. Ele volta ao seu escritório. Enquanto espero o elevador, minhas pernas tremem.

Saio à rua. Moscou é indiferente a tudo. Pego um táxi. «Para o aeroporto, rápido, por favor», peço ao taxista. É imprescindível que eu deixe a Rússia o mais rápido possível <sup>1 2</sup>.»

# Expulso da Plaza del Lector

Minhas incursões na Plaza del Lector exigem muitos cuidados.

Quase sempre vou de bicicleta. Em geral, chego pela avenida Las Heras, embora no momento de escrever estas linhas prefira dizer que não, que na realidade chego pela avenida Libertador, porque não é ruim tirar proveito de algumas deturpações inofensivas, quase honestas.

Do norte, chego à área pela confortável ciclovía que quase não tem interrupções. Atravesso a avenida e entro em diagonal pela Plaza Eva Perón. Infalivelmente, olho para a estátua de Eva enquanto passo por ela. Ao pé do edifício extraterrestre da Biblioteca Nacional fica uma grande estátua de João Paulo II. Paro ali por alguns instantes. Faço-o só para não perceber depois a pequena estátua esverdeada de Cortázar que não se parece com Cortázar e que, como se não bastasse, está cercada por uma grade que qualquer um pode saltar, ou seja, uma grade inútil que só tem como missão estragar ainda mais a cena. E então, com minha incompreensão já aquecida, me submeto à também pequena e esverdeada estátua de Borges, situada a poucos metros dali, tão inutilmente cercada quanto a de Cortázar, mas também escondida, solitária, olhando para a rua Áustria ou, no melhor dos casos, rumo a um nada que contém sonhos, labirintos e universos infinitos. Fortalecido pela impotência, sinto que a oportunidade de torcer as injustiças se joga na Plaza del Lector e depois subo Agüero até encontrá-la. Eu gosto dessa praça. Para começar, soa bem: Plaza del Lector. É aconchegante e tem muitos bancos. Quase todos estão de frente para o sol ou de costas para ele, dependendo da hora do dia. Na parede mais longa, a dos fundos, costuma haver uma exposição de arte plástica, costume que pode não perdurar no tempo. Se esse cenário ocorrer, eles seguirão os passos de Juan Domingo e Eva Perón, outrora vizinhos do bairro, cujas estátuas já estiveram sentadas em um dos bancos da praça.

A praça tem três entradas. A minha favorita é a de Agüero, talvez porque me permita ter uma visão geral do conforto da minha bicicleta. Ou talvez porque seja a primeira que encontro quando subo pela Avenida del Libertador, algo que, como já disse, não é verdade.

Por motivos que desconheço e que não me dei ao trabalho de descobrir, a praça é cercada e tem segurança privada. Às vezes penso que

faz parte do recinto da Biblioteca Nacional e, por isso, os serviços de segurança da biblioteca estendem-se, com as suas regras, até à praça, como se fosse mais uma sala do edificio principal. Outras, que essas precauções se devem à contiguidade da Embaixada do Paraguai, uma vez que se supõe que todas as embaixadas exigem um cuidado mínimo, mesmo que apenas por uma questão de formulários. Talvez a mais bem-sucedida de minhas teorias seja que a segurança existe, fundamentalmente, para proteger os leitores de autores como eu e de literatura como a minha. De qualquer forma, não gosto que a Plaza del Lector tenha grades de segurança privada.

Também gosto da praça porque recebe muitos leitores, algo não só desejável como condizente com o nome. Não creio que a Plaza del Lector os atraia pelo nome, mas pela inevitável influência produzida pela extrema proximidade da Biblioteca Nacional.

Esses leitores, o pequeno tamanho e a localização conveniente dentro do meu percurso fazem da Plaza del Lector um local mais do que apropriado para divulgar meus livros.

Confesso que não me aventuro mais na praça com a frescura e a inocência de antes, quando não sabia que minhas ações estavam em desacordo com os regulamentos do local, como me informou o segurança particular na primeira vez que me expulsou da praça. Até hoje, me pergunto se esse regulamento realmente existe.

Era inútil explicar ao agente, naquela época, que eu não estava vendendo os livros, mas oferecendo-os gratuitamente aos leitores com minha gentileza, cordialidade e carisma característicos, para que tivessem a oportunidade de ler uma história de minha autoria. E que se a transação comercial ocorria era devido a um pedido exclusivo, quase suplicante, dos leitores, que precisavam da minha literatura para estender sua razão de estar naquele lugar com nome e missão tão claros. E assim evitar a pressão de ter que se mudar para outros lugares com títulos menos exigentes, como Plaza Mitre ou Plaza Uruguay. Em suma, tentei explicar-lhe que, se a transação proibida ocorria, não era porque eu estava vendendo o livro, mas porque os leitores o estavam comprando de mim. Ou seja, na pior das hipóteses, eram eles que deveriam ser expulsos e não eu, a única vítima de todo aquele mal-entendido desagradável.

Meu raciocínio brilhante foi de pouca utilidade, pois não havia como o agente relaxar sua determinação de me exilar. Devo admitir, sim, que ele me ouviu com louvável paciência. O seu argumento não era tão grande e

limitou-se a repetir várias vezes, com voz culpada, que "não lhe estava permitido deixar-me", atribuindo a responsabilidade a alguma autoridade desconhecida e imaterial, enquanto me olhava com olhos trêmulos que admitiram a injustiça e praticamente me pediram desculpas.

Nenhuma rebeldia séria e decente se rebaixa a se manifestar diante de um agente de segurança particular que, além disso, vigia uma pequena praça, uma pracinha. Um pobre homem que só tenta fazer bem o seu trabalho, ou nem tanto: levar uma vida honesta, ter um salário no final do mês. Eu sabia que poderia sustentar e vencer o debate com o brilho de minhas razões, mas não com verdades. Então eu lhe disse que, apesar de ambos sabermos que eu estava certo, eu me retiraria pacífica e civilizadamente, com o único e nobre objetivo de não complicar sua vida.

Sem esforço ou rancor, mantive minha promessa e segui para a próxima praça do meu elaborado e secreto itinerário, suspeitando que algo valioso estava escondido por trás de tudo isso. Expulso da Plaza del Lector, que ironia.

Evidentemente, havia critérios de permanência e expulsão a descobrir, a não ser que tudo se reduzisse à paciência dos agentes e eu já a tivesse esgotado. Não importava: voltaria várias vezes até chegar às fronteiras da questão, até que esse pequeno e novo conflito fosse digno de ser levado ao mundo da literatura.

Minha próxima visita à Plaza del Lector foi um sucesso. O primeiro presságio positivo foi identificar um agente diferente daquele que anteriormente havia promovido meu exílio. Um novo agente que não tinha ideia da minha reincidência, ou que estávamos nos enfrentando. Determinado a não fazer nenhum movimento em falso, atei minha bicicleta do lado de fora, em vez de trazê-la e atrair a atenção dos presentes como havia feito antes. Descartei a expressividade gestual, o tom de voz firme e os passos suntuosos. Caminhei austeramente, silenciosamente, quase como um fantasma que queria visitar um antigo lugar familiar por alguns minutos e ir embora.

Com o tempo fui ampliando e ajustando os detalhes das minhas visitas. Incorporei o delicado gesto de não andar na grama, precaução que me alertou para o mau desenho das calçadas. O percurso não conduzia confortavelmente a todos os cantos da praça e, por isso, me empurrava para o atalho verde, pressão a que resisti com notável estoicismo e humildade.

Também tentava iniciar meu percurso nas proximidades dos agentes de plantão, afastando-me progressivamente de suas áreas de influência, enquanto eles talvez debatiam se deveriam ou não me interceptar. Além disso, fiz um esforço para não interagir com eles, nem sequer olhar para eles, para poupá-los da sempre pesada responsabilidade de saber. Propunha, e eles geralmente aceitavam, um acordo tácito. Cumpriria minha missão tão rapidamente, furtivamente e educadamente que eles nem perceberiam.

Os agentes se revezavam com frequência, e eram os novos que eram mais propensos a «pedir gentilmente que eu deixasse a praça». Aproveitei esses incidentes para experimentar novas reações. Às vezes eu fingia incompreensão e apressava o passo a ponto de trotar, com a intenção de terminar minha corrida antes da expulsão, mesmo que isso significasse acabar jogando os livros nos leitores de maneira bastante brutal, sem apresentações ou explicações, ainda que com a inestimável atração de um agente me perseguindo. Outras vezes, respondia em inglês e alegava ser de origem romena. Outras vezes, deixava claro que era um escritor e estava apenas tentando seguir os passos inverificáveis de Bertrand Russell, Anton Chekhov e Lúcio Aneu Séneca, enquanto apontava para o prédio da Biblioteca Nacional, como se isso provasse a verdade de minhas palavras.

Quase sempre, eu me perguntava como conseguir que os leitores interviessem em minha defesa, revoltando-se e exigindo que os agentes me deixassem permanecer na praça. Talvez se eu escrevesse uma história sobre a Plaza del Lector expondo o problema e lhes desse o livro aberto naquela página...

Acontece, no entanto, que todos os problemas estão se esgotando. Depois de semanas de trabalho, esses conflitos desapareceram tão gradualmente que mal percebi. Aos poucos fui me impondo à força de cuidado, paciência e persistência, como indicam os manuais. A maioria dos agentes e muitos dos leitores agora me conhecem. Às vezes, até me cumprimentam ou comentam uma passagem de um livro que emprestei ou compraram de mim. Poderia dizer que triunfei. Mas não. O triunfo, se existiu, aconteceu muito antes. Ou ainda está por vir.

# Feliz denúncia penal!

Não foi fácil receber a notícia. Minha família decidiu me excluir do jantar de Natal de 2021 por não estar vacinado contra a Covid. A decisão não emergiu do éter cósmico, mas teve sua própria estrutura social. Os mesmos «especialistas» que nos prometeram que o vírus não chegaria a este canto do mundo, que não se exercitar ao ar livre nos protegeria do vírus e que a quarentena duraria algumas semanas, agora recomendavam não se reunir em festas com pessoas não vacinadas, ao mesmo tempo que promove a implementação de um «passe sanitário» para um número crescente de atividades.

A encarregada de me dar a má notícia era minha mãe. Certamente, uma digna representante dos cidadãos da República Unitária de Mosquera, nossa amada pátria. A primeira conversa com ela foi ao telefone e breve. A intersecção entre Natal e Covid era um assunto delicado (para ela e para o resto da minha família), por isso combinamos de falar sobre isso cara a cara, naquela mesma tarde, na praça do nosso bairro.

Desde o início da pandemia, minha mãe não havia me admitido novamente em sua casa. Para o meu coração era também a minha casa, porque ali vivi a minha infância e a minha adolescência. Por quase um ano, primeiro devido às restrições oficiais e depois à decisão dela, não pude ver minha mãe. Dois anos depois, ainda continuava sem poder abraçá-la. Apesar de ter aplicado a «vacinação completa», a minha mãe não se sentia segura.

O caso de meu pai era ainda mais dramático. Morreu de Covid no início do ano, quando as vacinas já deveriam estar disponíveis para os grupos de risco. Para dizer a verdade, morreu por fumar por quarenta anos. Devido a disposições oficiais, não foi possível velá-lo. Apesar da minha tristeza natural, sua partida não foi totalmente inesperada. De alguma forma, eu tinha me preparado para este momento. Além disso, meu pai era um homem sábio que já havia feito as pazes com a morte. «Mas por quanto tempo você quer continuar vivendo?», respondia quando lhe contavam entre lamentos sobre a morte de algum conhecido da sua idade. Em vez disso, me comovia a inesperada e injusta solidão de minha mãe, que ia ter que passar o resto da pandemia com essa dor.

As coisas estavam assim quando cheguei à praça para encontrar com a minha mãe. Fazia muito calor e o espaço estava desolado. Os brinquedos pareciam desbotados e velhos. A grama estava sem cortar. Fui ao banco onde sempre nos encontrávamos. Limpei um pouco e me sentei. De longe, a vi chegar caminhando, muito devagar, revelando uma grande fragilidade. Pensei na inevitável passagem do tempo. Ela vinha na mais absoluta solidão, mas estava usando uma máscara.

Consegui identificar o momento em que ela me reconheceu. Vi um sorriso em seus olhos, como um reflexo. Até chegar ao banco, manteve seu olhar esperançoso em mim. Sentou-se ao meu lado, tirou a máscara e disse «oi». «Meu Deus», pensei, mas achei melhor não mencioná-lo outra vez. A mistura de medo e confusão que minha mãe tinha me dava uma enorme tristeza.

Não era para menos. As recomendações, regulamentos e protocolos não paravam de se multiplicar e mudar, quase diariamente, a ponto de enlouquecer o mais brilhante contador. O que restava, então, para minha mãe?

Também não era de surpreender que minha mãe pudesse ter dúvidas sobre vacinas, talvez inconscientes ou secretas. Afinal, elas haviam sido desenvolvidas contra o relógio e autorizadas como emergência, pulando todos os procedimentos estabelecidos até o início da pandemia. E as segundas doses foram aplicadas fora do tempo recomendado pelos laboratórios. E diferentes vacinas foram misturadas, outro procedimento questionável também aprovado para uso emergencial. E agora parecia que a «vacinação completa» não era suficiente, mas que uma terceira dose era necessária. E, de fato, a conversa sobre uma quarta já havia começado. E se as vacinas tinham que continuar a ser misturadas, que fossem misturadas. Tudo isso dando as costas à imunização natural dos já infectados.

No entanto, talvez as perguntas não tenham a ver com as vacinas, e sim com as autoridades. Estas, por negócios e política, descartaram parte das vacinas disponíveis e, em vez disso, adquiriram aquelas com menos garantias. As mesmas que pularam a fila para se vacinar, a elas e seus familiares, antes dos grupos de risco. As mesmas que se declararam essenciais e se excluíram da maioria das restrições. E as mesmas que haviam violado as poucas restrições que restavam, organizando grandes eventos e festas particulares. As mesmas. Aquelas que dirigiram o aparato repressivo do



Estado, com epicentro no Norte feudal, produzindo milhares de abusos e dezenas de mortes de que, incrivelmente, ninguém falava. Isso sem falar na gestão geral da pandemia, baseada em uma campanha feroz de medo, que destruiu centenas de milhares de empregos, fechou escolas por quase um ano e obrigou as pessoas a ficarem em casa - no caso de ter uma — mesmo que isso significasse superlotação ou violência doméstica.

Sim, talvez, e apenas talvez, esses problemas causaram algum tipo de preocupação à minha mãe. E se sim, alguém poderia julgá-la ou exigir que ela não tivesse dúvidas? E se não, não valia o mesmo para o resto das pessoas? E se sim, alguém poderia julgá-las por pedir mais informações ou por tomar a decisão de esperar para se vacinar?

Uma coisa estava clara. Continuar a confiar em tal política sanitária não era fácil. Ao contrário, era uma gigantesca exigência da vontade. E minha mãe — e muitos outros — estava disposta a enfrentá-la. Já havia chegado até aqui e continuaria até o fim. Continuar a usar antolhos podia ser difícil para ela, mas obviamente era mais difícil julgar-se errada, admitir-se dócil, talvez se reconhecer como uma covarde.

Eu? Eu tinha errado também. Tinha reconhecido cada um dos meus erros no seu devido tempo, incluindo o presente. Devido à minha natureza otimista e diplomática, dei muito crédito a muitas das medidas irracionais que foram impostas. A meu favor, posso dizer que nunca deixei de contrastá-las com meu próprio julgamento. Fiz um esforço para ouvir as vozes críticas, aliás muito minoritárias, quase inaudíveis em meio ao generalizado fervor controlador. Não sem esforço, geralmente atrasado, admiti meus mal-entendidos e humildemente ajustei minhas posições. Tentei fazê-lo em voz alta, para que não houvesse dúvidas sobre minha boa fé e para não privar os outros, também, da possibilidade de se corrigirem.

Não devo ser mal interpretado. Apesar dos questionamentos, comemorava o desenvolvimento de vacinas em tempo recorde e as consequentes aprovações emergenciais, pois se tratava de um alívio fundamental para os grupos de risco. Recomendei sua aplicação para meus pais e o fazia novamente. Se eu tivesse oitenta anos, também teria me aplicado. No entanto, isso estava muito, muito longe de admitir a vacinação à força. A decisão tinha que ser pessoal, baseada em sua própria análise de risco-benefício. Eu não era anti-vacina. Tive que explicar isso uma e outra vez. Sem ir mais longe, na semana anterior ao Natal tinham me aplicado a vacina contra hepatite A. Minha família também tinha aplicado essa? E a

febre amarela, febre tifóide, raiva, gripe, pneumonia, etc.? Era válido discriminá-los por isso? Valia a pena implementar um passe sanitário para averiguar e decidir sobre isso?

Eu não era um grupo de risco. Ponto. As chances de morrer de Covid eram extremamente baixas. Por que eu deveria correr para me vacinar quando considerava, com argumentos, que a vacinação envolvia riscos? Sem dúvida, a crescente pressão social e estatal para que me vacinasse não ajudava a me convencer.

Cada um deveria se vacinar para cuidar dos outros. Esse foi o último argumento dos campeões comprometidos em vacinar os demais. As pessoas tinham que se arriscar, contra sua vontade, para – supostamente – proteger os outros. O argumento em si me parecia perigoso. Quem determinaria no futuro, diante de situações questionáveis como esta, o alcance do vago «cuidar dos outros»? Mas, além desse debate filosófico, nem mesmo o argumento da contagiosidade era verdadeiro neste caso: apesar das reivindicações e promessas, as vacinas não preveniam os contágios e isso foi demonstrado nos últimos dias, quando a famosa variante Omicron tinha contagiado meio mundo. Até a própria OMS admitiu isso, se é que a palavra deles tinha algum valor a essa altura dos acontecimentos.

Talvez o caso mais insano tenha sido o das crianças. A mortalidade por Covid em uma criança era inferior a de um adulto vacinado. Mesmo assim, não só a vacinação era promovida, mas feita com vacinas sem estudos pediátricos publicados. Além disso, continuaram sendo submetidos a micro protocolos e máscaras nas escolas, enquanto o mundo adulto se movia com absoluta liberdade em restaurantes, bares e estádios. Pela primeira vez na história, as crianças tiveram que se sacrificar, sem motivos, pelos adultos. Uma abordagem verdadeiramente miserável.

Em suma, era inadmissível que alguém assumisse o direito de pressionar os outros a agir contra suas convicções, especialmente quando havia tantas perguntas na mesa. Isso valia para mim, mas também para os outros. Mais do que a nobre busca do bem comum, as ações coercitivas da maioria me pareciam o corcovear espasmódico de um rebanho assustado.

Tinha um exercício que eu gostava de fazer. Tratava-se de me transportar para o futuro e imaginar que, depois de tantas dificuldades e emergências, descobrimos que algo tinha dado errado. Nesse momento, nos perguntávamos como algo assim poderia ter acontecido. Olhávamos para trás e revisamos os fatos. E então chegamos à conclusão inevitável: «E

sim». Como deixamos passar tantas irregularidades? Como tínhamos confiado que a simples boa sorte nos salvaria? Como pudemos nos colocar nas mãos de tantos inapresentáveis? A resposta era óbvia: o medo justificava tudo. Era compreensível? Claro. Nos isentava das consequências? Claro que não. Repetir essa jornada para o futuro me ajudava a ampliar minha perspectiva e ganhar confiança em meus próprios argumentos.

Mais palavras, menos palavras, isso foi o que disse à minha mãe na praça. Ela me olhava desconcertada. Eu não tinha certeza se ela seguia o enredo. Nem mesmo se estava me ouvindo. Talvez tenha se perdido no decorrer do meu raciocínio. Sua atenção estava além de mim, nas minhas costas, como se procurasse superar o presente de minhas palavras e finalmente chegar ao momento de minha partida, quando a má notícia já havia sido comunicada. Enquanto olhava para ela, e ela permanecia imóvel, eu me perguntava se seu torpor flutuante estava em mim ou em seu próprio questionamento. Sem dúvida ela os teria, como todo mundo, mesmo que não estivessem na superfície de sua consciência, mesmo que ela preferisse a conveniência de mantê-los arquivados no porão.

Que difícil, que difícil aceitar as conclusões do próprio pensamento quando entravam em conflito com os «especialistas», com as autoridades, com as maiorias.

Estiquei meu braço e, carinhosamente, a empurrei com dois dedos na altura dos ombros. Me olhou. Vi nela um misto de incompreensão e impotência. Abriu a boca e tentou encadear uma explicação que, como um funil, sempre terminava nas recomendações de seu médico, médicos em geral e «especialistas». Quase à beira das lágrimas, me confessou que estava com medo. A mesma coisa aconteceu com o resto da família; com a tia Norma e o tio Roberto. «Não é pessoal», me disse em conclusão.

Segundo minha mãe, a decisão de me excluir da ceia de Natal não foi dela, mas «da maioria». Apesar da minha insistência, se recusou a detalhar como esse órgão foi composto ou como foi realizado o processo democrático de expulsão. Todas as vinte pessoas envolvidas estavam vacinadas. Eu os conhecia e pude ter uma ideia de como essa vontade de deportar havia sido construída. Ninguém é inocente de suas decisões, mas eu não os julguei. Afinal de contas, os amava. Minha mãe também se recusou a explicar qual havia sido sua posição, ou seja, seu voto, embora se encarregou de comentar que a decisão adotada lhe parecia «bem razoável».

Quanto ao resto da questão, devo dizer que pouco me importava ficar de fora de uma reunião onde os participantes me discriminaram por não estar vacinado. Na verdade, pouco me importava ficar de fora de qualquer reunião de vinte pessoas.

De forma alguma eu queria entrar em conflito com minha mãe assustada, mas não podia permitir que o medo, muito menos o alheio, prevalecesse sobre a sensatez. Não, não podia. Sentia o dever indispensável de defender a instituição abstrata, mas sagrada, do bom senso. Para mim era impossível abaixar a cabeça e conceder em silêncio que a aberração de me excluir —de excluir a qualquer pessoa por esse motivo— fosse qualificada como «bem razoável» por qualquer um, mas muito menos pela minha família, e muito menos pela minha mãe. Não podia me permitir conveniência, e até mesmo o prazer, de olhar para o outro lado e passar o Natal sozinho, em casa, em silêncio, comendo uma *lasagna speciale* acompanhada de uma deliciosa garrafa de vinho *top de linha*, e depois fazer o que eu quisesse, fosse dormir cedo ou ir para a festa mais próxima. Não podia ceder ao conforto de evitar conflitos com minha família, evitar as lágrimas de minha pobre mãe ou as subsequentes discussões amargas com minhas irmãs. Tinha que ser forte. A sanidade era uma mercadoria pela qual valia a pena lutar, expor-se e até sofrer. Não só por si mesmo, pela tranquilidade de poder se olhar no espelho todos os dias, mas também pelos demais. Era muito egoísta deixá-los persistir no erro, cometer atrocidades e se arrepender amanhã.

Foi por isso que decidi ir à ceia de Natal, apesar de não ter sido convidado, de não ter podido votar e não ter podido acompanhá-lo com um breve discurso. Em uma palavra, apesar de me sentir atropelado. Assim comuniquei à minha mãe. Ela me olhou sem entender.

Sim, querida mãe, na noite de Natal me encontraria à sua porta, para jantar com minha família, como Deus mandava. Compareceria bem vestido, bem arrumado e sorridente. Levaria presentes para todos. Na entrada, ao ar livre, teria a máscara na mão, porque o mesmo decreto de necessidade e urgência —que não era necessário nem urgente, nem legal nem constitucional— em que minha família se escondia me permitia fazê-lo. No entanto, estava disposto a usá-lo dentro de casa e estava pronto para comer em uma mesa separada, a uma distância segura.

E como faria isso? Como conseguiria evitar que a masculinidade de tio Roberto e talvez tio Cláudio bloqueassem meu caminho? Mais básico

ainda, como conseguiria que a porta fosse aberta para mim? Bem, muito simples. Não chegaria sozinho para a ceia de Natal, mas acompanhado pelo Dr. López Amuchástegui (LA), meu advogado pessoal, e pelo Dr. Juárez Ravena (JR), seu notário de confiança. Diante da porta fechada, o Dr. LA ficaria encarregado de informar sobre meus direitos legais, criminais e constitucionais àqueles que ousassem me excluir. O Dr. JR, por sua vez, seria testemunha de todo o procedimento e prova viva do que ia acontecer. O aviso foi claro. Assim que alguém bloqueasse meu caminho, os eventos levariam a uma denúncia penal, contra eles e contra todos aqueles que eu pudesse alcançar com isso. Os termos seriam os mais amplos possíveis, incluindo discriminação e – após a morte de meu pai – direitos à casa. Imediatamente depois, minha reclamação levaria a um processo judicial que eu estava disposto a levar até às últimas consequências. «Não é pessoal», esclareci para terminar.

Os olhos de minha mãe pareciam ter visto o próprio Lúcifer.

Mas os doutores LA e JR não têm família? Sim, querida mãe, claro que sim, mas não se esqueça de que são advogados. Cuidei de convencê-los com dinheiro e promessas de fama. Esta história está fadada a acabar na mídia e, sem dúvida, os doutores terão uma exposição muito alta. Assim como a família, assim como você e, para meu pesar, assim como eu. A ceia de Natal será um desastre com resultados imprevisíveis, mas o bom senso estará seguro. Então prepare-se, porque isso não vai ser fácil.

Minha mãe ficou paralisada, como se minha determinação fosse o olhar mitológico de um basilisco. Não voltou a emitir uma palavra, nem sobre este assunto nem sobre qualquer outro. Depois de um tempo, olhou para outro lado. Quando fiz o mesmo, descongelou e anunciou que estava indo embora. Me deu um beijo zumbi, colocou a máscara e foi caminhando bem devagar, sozinha, como havia chegado.

Os dias que se seguiram foram como tinha imaginado. Dezenas de ligações de parentes, indignados, tentando saber se minhas advertências eram verdadeiras e, diante da confirmação, procurando me dissuadir. Chamaram meus planos de «loucos» e, se fossem bem-sucedidos, previam uma «ruptura definitiva» em nosso relacionamento familiar. Eu não vacilava com as ameaças. Se havia aprendido alguma coisa nesses últimos dois anos, vividos sob permanente terror discursivo, era relativizar intimidações e previsões catastróficas. Escutava as intermináveis demandas de minha família com infinita paciência, como um Buda de mil anos

sentado, ao ar livre, no ponto mais alto de um pico nevado. Minha resposta se resumia a um assentimento genérico. Em seguida, me despedia e desligava.

Infelizmente para todos, já era tarde demais. Eu havia atravessado o Rubicão. Havia contratado e pago os advogados. Já tinha mentalizado tudo. Tinha prometido a mim mesmo não deixar meus sobrinhos sozinhos. Mas acima de tudo, tinha jurado não recuar em nenhuma circunstância. E que coisa pior alguém pode fazer do que minar a si mesmo?

Nos últimos três dias, a pressão da minha família foi tão grande que decidi desligar o telefone, o computador e a campainha. Fiquei concentrado em casa, esperando o momento mais importante da pandemia e, talvez, da minha vida. Era a ocasião que o destino tinha me reservado para fazer a diferença existencial na minha passagem por este mundo. Depois de uma vida inteira sentado no banco, era minha hora de entrar em campo e brilhar.

Chegou o dia 24 de dezembro à tarde. Doutor LA e JR apareceram na minha casa. Estavam vestidos de terno, elegantes, embora sem a costureira gravata. O Dr. LA trouxe um buquê de flores («para sua mãe») e se desculpou por não comprar presentes para os demais, pois «não os conhecia bem». O Dr. JR fez a mesma exceção, mas para se justificar exibiu uma garrafa de vinho tinto inconfundivelmente bom.

Eu estava pronto, então saí de casa e os convidei para entrar no meu carro, estacionado bem na frente. Depois de uma breve troca de cortesias, o Dr. LA entrou na frente. Dr. JR entrou na parte de trás e, ao fazê-lo, «celebrou» a sorte de ter lá muito mais espaço do que o colega. A viagem seria de umas trinta quadras.

Chegamos. Estacionei a poucos metros da casa da minha família. Ao descer, pude reconhecer os carros dos demais. Tocamos a campainha. Tio Roberto abriu a porta. Era de se esperar que o tio Cláudio o apoiasse, mas aparentemente era verdade que, dada a escalada do conflito, havia pedido que «não me encham o saco». Infelizmente, se chegasse a esse ponto, essa declaração não o isentaria da minha denúncia penal.

Os doutores JR e LA exibiram suas treinadas caras de pôquer, buquês e uma garrafa de vinho fino em seus braços, como se fossem as bênçãos de nossa família misturada. Acho que meu rosto era uma mistura de nervosismo e prazer, coberto por uma fina película de neutralidade encenada.

Tio Roberto me olhava furioso, mas assim como não ousou contrariar os erros, mentiras e ameaças das autoridades durante a pandemia, tampouco o faria com meus colegas representantes da Lei ou com o poder que eles representavam. Mastigando um ódio sem fim e sem dizer uma palavra, se afastou e nos deixou passar. Como gesto de boa vontade, coloquei minha máscara e convidei os médicos a fazerem o mesmo.

Com uma falsidade louvável, os doutores saudaram cada um dos presentes. Fizeram-no com muita dedicação, como se fossem a família de uma nova prometida que querem impressionar. Em troca, recebiam em abundância um discreto desprezo.

Entramos na sala de jantar. Havia três mesas. Uma grande para os adultos, uma média para as crianças e uma menor para nós. A nossa era a mais distante, teoricamente por questões sanitárias.

Nos sentamos. Os doutores fingiram estar à vontade com grande habilidade. Receberam com grande alegria o pequeno braseiro com churrasco e os pratos com salada. Por exemplo, concordaram em destacar «beleza» da salada russa. Comeram, beberam e conversaram da maneira mais natural. Um deles até se atreveu a pedir aplausos para o churrasqueiro e se atreveu a começar a aplaudir. Minha família o seguiu sem entusiasmo, entre olhares de reprovação, só porque o tio Cláudio realmente merecia.

Chegou a meia noite. Meus parentes se levantaram e brindaram. Fiz um brinde com os doutores e, de longe, nós três nos juntamos ao brinde levantando nossos copos na direção deles. Só minha mãe e os meninos, com certa tristeza, nos olharam. Depois, meus parentes se cumprimentaram com uma algazarra tosca. Para nós, só nos deram olhares desconfiados de soslaio.

Terminadas as saudações, os meninos puderam liberar a ansiedade acumulada dos presentes. Correram para a árvore e começaram a abri-los, tanto os seus quanto os dos outros. Eu havia preparado algumas pequenas fotos para eles com frases famosas alusivas à reflexão, respeito e liberdade. Eram muito bonitos e coloridos. Meu desejo era que, com o passar dos anos, pudessem vir a me entender. E, se acaso merecesse, me perdoassem. Durante a noite, os pequeninos me olharam tímidos e cautelosos. A afeição histórica que tínhamos foi manchada pelo conflito em curso. Sem dúvida, nos últimos dias ouviram comentários maldosos sobre mim. Eles não conseguiam entender a escaramuça e nessa confusão debatiam.

Ao contrário de outros anos, para os adultos eu havia comprado presentes comuns e chatos. Camisetas, calças e meias, de acordo com a categoria do familiar. E para os doutores, para não deixá-los de fora do momento, comprei uma pequena geleia artesanal para cada um. Como esperado, ficaram muito satisfeitos, beirando uma excitação pouco crível.

Meus parentes não me compraram nada. E estava tudo bem. Não esperava outra coisa. Obviamente, também não tinham pensado em presentes para os doutores.

Assim que os presentes foram descobertos, os doutores anunciaram que «com muito pesar» eles tinham que ir embora. Presumi que iriam encontrar suas próprias famílias. Eles destacaram a «comida requintada», agradeceram a «noite inesquecível» e se despediram até à próxima. «Espero que não seja tão cedo», esclareceram com um sorriso malicioso, talvez ameaçador. Em troca, receberam apenas um silêncio rancoroso.

Eu também não tinha muito mais o que fazer ali. Sem os doutores, teria me sentido nu na frente dos outros. Por isso, aproveitei e juntei-me à despedida.

Uma vez lá fora, ofereci-me para levar os doutores para onde eles me pedissem. Me agradeceram, mas me garantiram que seria mais conveniente pegar um táxi na esquina da avenida. Nos despedimos ali mesmo.

Cheguei em casa. Ainda não era uma da manhã. Senti uma grande emoção. Ainda assim, me deitei com a intenção de adormecer. Não consegui fazer em profundidade e por volta das cinco da manhã acordei e estava insone. Era a ansiedade. Uma ansiedade conhecida e esperada.

Levantei-me e liguei o computador. Carreguei a página do jornal argentino mais importante. Entre as principais novidades, conforme havíamos combinado com os médicos, estava a seguinte: «Insólito. Não vacinado comparece à ceia de Natal com seus advogados, sob ameaça de julgamento se for excluído». A epígrafe dizia: «Feliz denúncia penal!» O jornalista amigo dos doutores tinha cumprido. De fato, não havia sequer mudado uma vírgula na manchete que eu mesmo havia proposto a eles.

Voltei para a cama. Sorri pensando na semana que começava. Seria intensa. A notícia repercutiria em todos os meios de comunicação, acendendo o debate público e provocando dezenas de entrevistas. Eu nunca estive mais preparado. Pensando nisso, fechei os olhos e me entreguei a um sonho feliz e esperançoso, como convinha a esse dia. Afinal, era Natal.





# Para que se levantar

*«O que é un homem rebelde?  
Um homme que diz não.»  
Albert Camus*

Até hoje, fazia dias que não me levantava. Talvez semanas ou até meses, não tenho certeza. Afundado no sem sentido, também havia perdido o interesse em contabilizar a passagem do tempo.

O porquê de não me levantar era muito claro: não tinha motivo para isso. Essa mesma explicação, no entanto, não era simples nem convincente. Por muito tempo eu me levantei, apesar de não ter motivos para justificar isso.

Quando digo que não me levantava, quero dizer aquilo que qualquer um pode imaginar. De manhã, quando o despertador tocava, simplesmente o desligava e ficava na cama. Às vezes continuava dormindo, às vezes enrolando e às vezes procurando motivos para me levantar. Esses três estados se alternavam e se fundiam de várias maneiras, especialmente pela manhã. À medida que o dia avançava e o sono passava, a enrolação continuava, mas, sobretudo, crescia a busca de motivos para me levantar. E não conseguia encontrá-los.

Depois de vários dias assim, parei de programar o despertador.

Com ou sem despertador, passava o dia inteiro na cama. Claro que, com o passar das horas, não tinha mais escolha a não ser me mexer para ir ao banheiro ou comer alguma coisa, forçado pelas necessidades físicas mais básicas. Também necessitava me alongar um pouco, já que tantas horas de prostração acabavam sobrecarregando o pescoço ou as costas. De vez em quando, perambulava pela casa sem um critério preciso ou sentava em uma das cadeiras enquanto me perdia olhando pela janela. Outras tarefas essenciais, como receber pedidos de comida ou levar o lixo para fora, também me obrigaram a sair da cama daquela maneira superficial e inevitável que não alterava em nada a passividade fundamental na qual eu havia escolhido me estabelecer.

Além do fato de eu ter colocado os pés no chão, ter ficado em cima deles e andado um pouco pela casa, é justo dizer que não me levantei. O que realmente estava acontecendo era que eu estava me estendendo da

cama, como um braço faz quando é esticado para longe do corpo. Sempre fazia isso de pijama, pantufas e enrolado em minhas cobertas. Era uma pequena nave de reconhecimento, deixando a nave mãe e se aventurando em uma vida após a morte bastante próxima por alguns minutos; ou um satélite preso na gravidade da estrela camística principal; ou uma verdadeira cama ambulante, filha e dependente da principal. Depois dessas humildes expedições, voltava para a cama e me entregava mais uma vez à busca de pelo menos uma justificativa que me permitisse me pôr de pé, mas de verdade.

Se me aprofundo nesses detalhes, não é para perder tempo, mas para buscar a compreensão pelo caminho mais longo para o inverso.

A imagem, devo admitir, era deprimente. No entanto, não me sentia deprimido. Ou, pelo menos, não sentia vontade de morrer. Pelo contrário, me sentia extremamente vivo; além disso, fazia anos que não me sentia tão vivo. Não queria deixar de viver, muito pelo contrário, queria viver plenamente. É por isso que estava me afastando do mundo exterior e de minha vida equivocada nele. Isso não significava estar bem, mas era um ponto de partida imbatível. Muito pior era estar mal e, além disso, sentir-se à beira da morte.

Os deprimidos muitas vezes não admitem sua depressão. Era possível que eu estivesse deprimido, além do que acabei de dizer. Se fosse esse o caso, as consequências relativas não variavam muito. Não estava mais deprimido do que antes, quando ainda me levantava. Simplesmente jogado na cama, minha vida era consistente com aquele estado. Tinha assumido. Havia incorporado minha possível depressão e a vivia plenamente. Já não estava fugindo dela. Eu não ia continuar fingindo que não precisava de motivos para me levantar. E se estava, aqueles que eu havia inventado eram insuficientes.

Isso era muito difícil para os outros compreenderem.

Meus empregadores, por exemplo, acharam não só incompreensível, mas também inaceitável.

—Bom dia Juan, faz três dias que você não vem à empresa e não temos notícias suas.

—É verdade, peço desculpas, mas apenas pela falta de notícias.

—Por que você não está vindo?

—Não vou mentir pra vocês. Não tenho motivos para me levantar. Nem, muito menos, ir à empresa.

—Olha que interessante. Você tem um compromisso assumido, nós estamos lhe pagando e você está prejudicando seus colegas. Soa como razões muito boas para mim.

—Para mim não, embora eu realmente sinta muito.

—Você precisa de dinheiro para viver, talvez isso lhe pareça melhor.

—Não, de fato, me parece pior.

—Ah, fenomenal. O senhor não necessita dinheiro para viver.

—Tenho algumas economias. Espero que, em poucos meses, eu tenha encontrado uma razão para me levantar.

—Juan, não podemos esperar por você «alguns meses». É muito menos por isso.

—Eu sei.

—Nós vamos ter que te despedir.

—Adiante.

A economia geralmente é a primeira a perceber quando as coisas vão mal. É muito difícil enganá-la, embora milhões de pessoas obstinadas ainda continuem tentando.

As mães costumam ser as segundas. Só consegui enganar minha mãe um pouco mais. A notícia chegou rapidamente à sua percepção todopoderosa e, provavelmente mais cedo ainda, ao seu ouvido todopoderoso. Alguns dizem que as mães sempre compreendem. Outros dizem que nunca. A minha, pelo menos neste caso, não compreendia.

—Juani, você não está bem, você não consegue me enganar.

—É verdade... não estou bem. Faz muito tempo que não estou bem.

—Mas agora você deixou o trabalho. Isso é grave.

—Sempre foi grave.

—Estou preocupada.

—Você sempre está preocupada. Como você pode ver, nada mudou.

—Não seja mau, Juani.

—Olhe pelo lado positivo: agora, pelo menos, sabemos.

—Vou ver você.

—Não, por favor, isso não.

—Então direi ao Tio para ir.

—Não, mãe, te peço que... mãe, oi, oi...

O Tio era o doutor Mosquera, o clássico médico amigo da família. Na verdade, ele era amigo da minha mãe, mas depois de ouvir falar dele por anos nas mesas da família, era muito difícil fazer essa diferença. Ouvira de

tudo: seus diagnósticos, suas opiniões sobre os mais diversos assuntos, suas idas a congressos e até os altos e baixos de seus parentes. Eu sabia mais sobre Julia María e Darío Abelardo Mosquera—seus filhos—do que sobre meus primos, algo sem dúvida aterrorizante, especialmente para os jovens Mosquera se eles descobrissem (aliás, o nome Abelardo, embora fosse o segundo, sempre me pareceu imperdoável ; pobre Darío).

O Doutor Mosquera era psiquiatra. Havia atendido a mãe da minha mãe—minha avó—por vários anos. Ele a havia ajudado a lidar com uma doença terminal. E também tinha dado conselhos e apoio à minha mãe. Era um grande profissional, embora se comprometesse (e se intrometesse) demais. Eu sabia que nas próximas horas receberia sua visita não requerida e indesejada.

A campainha tocou. Levantei-me enrolado nos meus cobertores, muito desganhado, e abri a porta. A imagem séria, elegante e provedora do Doutor Mosquera apareceu diante de mim. «Bom dia, Doutor Mosquera." Apesar dos meus desejos mais primitivos, deixei ele entrar. Esse homem, afinal de contas, ajudou minha avó e minha mãe com uma vocação invejável.

Sentamos à mesa, embora eu preferisse deitar na cama e conversar com ele de lá.

—O que foi, Juani?

—Me chamo Juan.

—Sim, me perdoe, é assim que sua mãe te chama quando conversamos.

—...

—Sua mãe me disse que você está mal. A julgar pelo que vejo, ela não está muito errada.

—É certo. O que não lhe disse é que antes, quando não estava assim, eu também estava mal.

—E por que você está assim?

—Não sei para que levantar.

—Que novidade! Ninguém sabe para que se levanta. É disso que se trata a vida, precisamente, continuar se levantando apesar do sem sentido, apesar de tudo. E se você acredita em Deus, precisa saber que Ele tem um plano para nós, mesmo que às vezes não o entendamos.

—Não creio em Deus. E estou procurando razões, não um plano incompreensível.

—E o que você vai fazer nesse meio-tempo? Vai ficar aqui até encontrá-los, como Pascal?

—Sim.

—E se as razões estiverem fora?

—Nesse caso, vou procurá-las.

—Muito bem. Não acho que você está deprimido, mas sim um pouco pateta. Vou deixar-lhe o meu número e se achar que posso ajudá-lo, como médico ou como pessoa, me ligue

—Certo, obrigado.

Com caligrafia impenetrável, o Doutor Mosquera escreveu seu número em um pedaço de papel e o deixou sobre a mesa. Fiquei de pé. Sempre enrolado nas minhas cobertas, fui até a porta e a abri para que o Doutor Mosquera pudesse sair. «Adeus, Doutor Mosquera». Pateta, que filho da puta.

Minha mãe acreditava em Deus. E, logo depois, acreditava no Doutor Mosquera. O diagnóstico médico a aliviou e, como resultado, consegui me deixar em relativa paz pelas semanas que se seguiram.

Essa calma recuperada, feita da ausência de diálogos e interrupções, permitiu-me voltar ao meu estado meditativo, sempre sustentado pela cama.

Senti, senti e senti. Refleti, refleti e refleti. Imaginei, imaginei e imaginei.

Desde então, um tempo imensurável se passou.

Mas as coisas mudaram. Como deixei transluzir na primeira linha, hoje me levantei. Fiz a barba, tomei banho e vesti minhas melhores roupas. Saí para tomar café da manhã. Olhei para as pessoas. Aproveitei o sol e as árvores. Sorri. Acreditei no futuro. A razão que me permitiu esta renovada convicção é frágil, possivelmente efêmera e talvez até errada, mas é também um refúgio para seguir em frente. Claro que posso revelar. Está diante de você. E este é o seu ponto final.

# Arquitetura da Vingança

*«Digam de mim o que quiserem, pois não ignoro como a Estultícia é difamada todos os dias, mesmo pelos que são os mais loucos.»  
La Estulticia, en el libro Encomio de la Estulticia, de Erasmo de Rotterdam.*

Os mortais também falam mal de mim, inclusive os mais vingativos. Não sabem, ou não querem saber, que não há mortal que não me leve consigo; que sou parte inseparável do espírito humano; que vir a mim muitas vezes significa a única chance de alcançar o elevado ideal de justiça; que a honra, às vezes, é mais importante que a própria vida; que minha existência é uma condição indispensável para a grandeza humana. Às vezes sou tão desejável, tão necessária, que desistir de mim significa magnanimidade. Os mortais seriam tão cinzentos se não fosse pelo fato de eu viver agachada ao lado de suas consciências. A literatura, o drama em geral, o borrado limite entre a vida e a morte, e tantos outros, me colocam em um altar justo. Não duvide nem por um segundo: eu sou a Vingança.

Não pretendo com esta afirmação sofisticar você, como fez minha colega Estultícia (filha da Loucura e da Estupidez) quinhentos anos atrás. Não quero celebrar deuses ou heróis, nem divagar sobre meus pais ou de onde vim. O tempo é curto. Não quero forçá-lo a ouvir sobre minha educação ou minha comitiva. E sobre o amor próprio? Isso talvez sim, um pouco. Mas tenha certeza de que não quero falar contra a filosofia ou contra a ciência. Nem contra teólogos, religiosos ou monges. Não venho, de forma alguma, desprezar as mulheres; pelo contrário, sinto-me seriamente identificada com elas. Nem tentar convencê-lo durante capítulos intermináveis sobre os benefícios da minha existência. Acima de tudo, não venho me elogiar.

Eu não me importo com o que a Estultícia faz. Não é meu propósito julgá-la, muito menos imitá-la. Não conseguiria nem que quisesse, porque ela é mais alegre, distraída e espirituosa, passa a vida dançando, bebendo e rindo. Desdramatizando. Tirando sarro de extremistas como eu. O meu sempre foi mais brutal e contundente. E esta não será a exceção.

Acima de tudo, me interessa esclarecer os acontecimentos ocorridos entre Don Juan Manuel Herrera e o alemão barbudo, descritos na história vulgar intitulada *Duelo de Vingança*, cujo autor é o próprio Don Juan Manuel. Vou resumir o enredo da história alguns parágrafos mais adiante. Apenas deixe-me dizer-lhe que a história é verdadeira. E que tem a mim como protagonista fundamental, embora o autor sugira minha existência quase por acaso, como uma acidental consequência da *olla de grillos* que é seu pensamento.

Não exponho esta tarefa explicativa para caridade informativa. Não é do meu interesse, sob nenhum ponto de vista, treiná-lo. O que realmente me interessa é evitar a miscelânea de Dom Juan Manuel em questões importantes. A sua confusão conceptual leva-o a interpretar mal os cenários que propõe e, como efeito inevitável, deriva para o país das decisões erradas. E para onde os erros podem nos levar senão ao infortúnio? Para alcançar este objetivo, pretendo me despir diante de você. Profundizar na natureza da minha existência, ou seja, nas minhas motivações e no meu comportamento. Ao final dessas linhas, você poderá continuar com sua vida carregando uma compreensão completa de quem sou, como funciono e por quê. Dessa forma, você saberá administrar com maior sabedoria os impulsos de sua vingança interna. Pequenos demônios como eu que sempre te acompanharão. Com a bênção desta informação e um pouco de sorte, você evitará a prisão, a morte e, o pior de tudo, o arrependimento.

Por que eu me importo em ajudar? Porque, como podem ver, também sofro de problemas existenciais. Como os mortais basicamente realizados, sou vítima do absurdo. Embora tenha uma compreensão brutal da minha missão, não conheço a motivação final da minha existência. E suspeito que nunca a conhecerei. Assim, recorro à tentadora utopia da transcendência. Respiro ares de grandeza fadados à frustração. Escolho acreditar, como Dom Juan Manuel, que através de minhas palavras posso deixar um rastro de importância atrás de mim. Chego a acreditar que, se minha intervenção aqui melhorar uma única vida, minha impenetrável existência será justificada, mesmo que apenas entre a forasteira raça dos mortais.

E por que prego entre vocês, seres doentes e muitas vezes tristes? Porque, apesar de suas misérias — algumas das mais terríveis têm a mim como protagonista —, são as únicas entidades verdadeiramente imprevisíveis. As únicas capazes de serem influenciadas a extremos inimagináveis em uma infinidade de direções. Tão previsíveis são os deuses



e as paixões! Por outro lado, os mortais podem mudar completamente a qualquer momento, pelas razões mais arbitrárias e excitantes. Podem, por exemplo, dar sua própria vida (e com ela a minha) a uma causa que você considera justa, mesmo que seja apenas um punhado de bobagens. Meus amores. Como se a justiça existisse. Como se alguém pudesse se importar com o que cerca de setenta quilos de carne condenada a desaparecer podem fazer em algum canto do universo sem limites. Vocês mortais são seres contraditórios e inspiradores, cujos corações valem a pena lutar a cada momento.

Nós as vinganças, por outro lado, somos de uma rigidez avassaladora. Falta-nos um futuro aberto, isto é, liberdade. Estamos condenadas a cultivar a raiva, promover o ressentimento e propiciar o castigo. O impulso de dano nada mais é do que um destino. Somos Sísifo, empurrando a pedra do castigo morro acima. Só obedecemos a uma lei no mundo e na história: a de Talião. Tão árida é a nossa existência, tão cinzenta a gama de nossas possibilidades, que tornam nossa vida um gigantesco deserto de fúrias. Vocês, os mortais que habitamos, são o único oásis de onde se pode beber um pouco da água da aventura. O que seria de nós, as vinganças, sem sua loucura?

Desejo agora entrar no cerne desta intervenção. Torna-se essencial começar por me corrigir. Minha autodefinição como *a Vingança* não está inteiramente correta. É apenas uma aproximação efetiva, um primeiro esboço que busca ajudá-lo a ter apenas uma primeira imagem minha. Com este objetivo já alcançado, posso dizer que sou *a vingança de Don Juan Manuel Herrera no caso do alemão barbudo*. Um nome talvez longo demais, algo como o título de um processo judicial humano.

Meu nome verdadeiro contém os três níveis nos quais a Vingança está organizada. Com um pouco de cuidado, esses três níveis podem ser inferidos. Sou uma vingança. Vivo em Don Juan Manuel Herrera. A razão da minha existência é o caso do alemão barbudo. Dos três níveis, moro no degrau mais baixo, o das vinganças mais específicas.

No nível mais alto de Vingança está a Vingança Absoluta. Às vezes referida apenas como a Absoluta. É uma entidade abstrata, conceitual, nunca incorporada no plano material do cosmos. Situada para além dos dilemas, constitui a ideia última da vingança, a sua definição. Assim como os mortais têm seus deuses, nós temos a Absoluta. Não no pedestal de uma criadora ou salvadora, mas no de uma referência comum que nos ajuda a

permanecer juntas. E talvez para nos dar uma espécie de identidade compartilhada.

A Absoluta é inacessível. Não é possível contemplá-la, e não porque está escondida. Nem pedir conselho, pois não se manifesta de forma alguma. Nunca a encontrarão desenrolando um enredo como este. E isso faz muito sentido. O silêncio é a melhor estratégia para evitar divisões. Seria incomumente sério se a enorme cidade da Vingança fosse exposta a um cisma. É possível que a existência deste princípio seja a demonstração manifesta de sua sabedoria. Ou sua inexistência, mesmo que isso corra o risco de soar blasfemo. Minhas palavras poderiam ser tachadas de heréticas, mas não deixariam de ser a pura verdade: muitas vezes, sinto que a Absoluta não existe. Se não fosse por nossa completa falta de ambição, as vinganças das classes baixas cairíamos em seu legítimo questionamento.

Acreditamos que a Absoluta é eterna. Sempre existiu e sempre existirá. Está além de nós, as mortais. Ela pode ser encontrada no auge de uma noção metafísica e, portanto, é autocontida. Discutir sua força significa não entender do que estamos falando. Qualquer discussão como essa se distrai em outra dimensão, abandonando o sentido. Nos momentos de angústia, constitui-se como refúgio de esperança e como espelho conveniente — por sua imprecisão — para onde olhar.

No nível seguinte, o intermediário, está a Vingança Humanidade. São instâncias da Absoluta que habitam cada um dos mortais. Uma vingança mais concreta e delineada. Estabelecem um relacionamento individual com os humanos. Cada uma dessas vinganças desenvolve seu próprio caráter, de acordo com as características específicas do mortal habitado. Cada uma delas é um campo de batalha, um debate parlamentar, um jogo de xadrez. No seu interior, as decisões estão sendo tomadas o tempo todo. É destino da Vingança Humanidade intervir e fazer prevalecer o critério milenar do olho por olho. É um trabalho de ourives paciente, através do qual uma sutil pressão permanente é tramada na consciência do anfitrião.

Vingança Humanidade não opera em casos particulares. Em vez disso, promove a ideia geral de vingança no mortal habitado. Dia a dia, entre sussurros, reforça os argumentos que comprovam seus benefícios. Opera. Diante dos conflitos alheios, narra os acontecimentos de uma forma que só pode levar à necessidade de punição por sua própria mão. Sem exceção, desgasta a ideia de perdão. Ridiculariza o artifício cristão de pacificação de dar a outra face. É uma doutrinação cultural. Prepara o

terreno para que a chegada de casos particulares não represente uma surpresa, mas sim um momento há muito esperado, cujas consequências não podem ser outras que a violência.

Assim como os países têm presidentes, nós mortais temos a Vingança Humanidade que direciona amplamente nossas políticas de vingança, guias reitoras que na verdade são uma só: vingar-se sempre, como seja e a qualquer preço.

A Vingança Humanidade nasce e morre com o mortal que habita. Apesar de tal grau de intimidade, não se envolve romanticamente com seu anfitrião. Não compartilha seus objetivos, ou seus desejos, ou mesmo a necessidade primária de sobrevivência. Se para executar uma vingança todos - mortais e vingança associada, incluindo ela mesma - devem morrer, não hesitará nem por um momento em levantar o punho e avançar gritando em direção ao último cadafalso.

Finalmente, no terceiro e último nível das hierarquias vendianas está a Vingança Caso. A mais granular das vinganças. Tem o menor poder geral, mas o maior poder específico. Dentro de cada um dos mortais, milhares de situações que exigem justiça são desencadeadas ao longo da vida. Para cada uma dessas situações nasce uma pequena Vingança Caso. Sua razão de ser é cumprir a vontade invariável da Vingança Humanidade (e em um sentido mais amplo e filosófico, da Absoluta). É a micro-executora de uma vontade superior organizada, sua operadora incansável. A formiga operária de uma enorme colônia chamada Vingança. A primeira linha de fogo de um exército que não hesita em repudiar o futuro e a civilização; os mortais, para não perder sua humanidade, devem preservar seus instintos mais primitivos, sejam eles virtuosos ou vis.

Eu sou um caso de Vingança Caso. Aqui vivo, esta é a minha tribo e o meu lar. Não é minha comunidade, já que as da minha turma não interagem. Estamos ocupadas demais promovendo a vingança para nos distrairmos com questões sociais.

Algumas Vinganças Caso suspeitam que a existência da Absoluta é uma mera invenção das Vinganças Humanidade. Um recurso discursivo para maior controle de nossas ações. Apesar do meu próprio questionamento, descarto essa possibilidade. As Vinganças Caso são tão obtusas que nunca precisaríamos desse tipo de manipulação para continuar fazendo nosso trabalho. O que mais poderíamos fazer, afinal, diante de uma hipotética liberação de nossas crenças?

As Vinganças Caso sabemos que estamos condenadas a desaparecer desde o primeiro momento. Isso acontece — que paradoxo — quando somos bem-sucedidas: quando um mortal se vinga de um caso específico, a Vingança Caso associada a ele não tem escolha a não ser morrer. Se esse resultado nunca for executado, a vingança em questão sobrevive com o mortal até o último de seus dias, esmagando-lhe a consciência sobre a obrigação vital de não deixar este mundo sem o bálsamo da justiça.

Essa é, meus amigos, a arquitetura da Vingança.

Estamos agora em condições de voltar à história de Don Juan Manuel. De forma alguma é necessário conhecer seus detalhes, embora seja possível que já tenham caído na relativa astúcia do autor para capturar os distraídos e submetê-los à leitura de seus erros. Caso você ainda esteja seguro, vou poupar-lhe a provação e resumir o enredo neste único parágrafo. No conto, Don Juan Manuel expõe — com excesso de detalhes e várias limitações literárias — a história de um contraponto de vinganças. Seu adversário, o alemão barbudo, é hipotético; só existe com certeza na problemática cabeça do autor. Por razões sem importância, as bicicletas de Don Juan Manuel e do alemão barbudo estão amarradas, juntas, com suas duas respectivas correntes. A esgrima psicológica — muitos modernos entediados fariam em «teoria dos jogos» — consiste na tentação cruzada de manter o bloqueio das bicicletas com o único objetivo de prejudicar o adversário, mesmo que ao preço do próprio dano. Assumindo, inclusive, o risco de o conflito escalar e sair do controle. Por fim, de forma inacreditável, o autor conclui que a melhor vingança contra o barbudo alemão é evitar a reação e, assim, impedir sua descarga. Como se isso não bastasse, argumenta iluminação ao conceber que a vingança suprema não é nem isso, mas a criação de uma obra de arte a partir do conflito. Cavalgando na vingança para dar origem ao milagre da criação. Não só evitar a guerra, mas embelezar o mundo. Essa revelação o eleva acima de paixões tão baixas e, graças a isso, o coroa como o vencedor indiscutível da briga. Sua vitória é então filosófica e, portanto, fundamental. Um argumento de uma infantilidade esmagadora.

Alguém pode viver em paz, pintando um quadro, depois de sofrer uma afronta imperdoável? Não, meus amigos, esta pode ser uma bela possibilidade no mundo das ideias, mas não no nervoso mundo da realidade. Não há corpo que resista a tais evasões. Os estômagos, os corações ou as cabeças acabam explodindo. As células do corpo degeneram e se expandem. Já não falamos de honra ou justiça, mas da saúde mais

básica. Mas há mais. Vejamos a partir da perspectiva do alemão barbudo: que tipo de mortal fica arrependido por não ter reações a um mal que fez? Deixe-me dar uma dica: nenhum! Para os mortais, não há cenário melhor do que fazer o mal - seja por vingança ou não - sem medo de represálias. Para ter certeza de que não estou enganado, pense a mesma coisa, mas ao contrário: quantos males mais os mortais fariam se não tivessem medo do castigo como resposta!

Pela origem já detalhada de minha existência, vivenciei o conflito com o alemão barbudo de uma posição privilegiada. Acredite em mim quando lhe digo que só havia um caminho aceitável: vingança feroz e incondicional. Nunca acreditei na superioridade da passividade deliberada ou da criação artística como resposta à indignação imperdoável do nosso adversário. Nada nem ninguém poderia ter me feito mudar de ideia. No dia em que encontramos as bicicletas acorrentadas, me deram a luz como um vendaval estrondoso. Queria a morte pura e lisa do alemão barbudo. Queria seu sofrimento, sua tortura, sua destruição mais irracional e gritante. Queria que ele queimasse, junto com sua bicicleta, seu carro e sua casa. Queria salvar sua cabeça e expô-la em uma lança, como homens de verdade faziam centenas de anos atrás.

Quem eram, então, as forças que encorajavam essa retirada covarde apresentada sob as suntuosas vestes da magnanimidade? Acaso o perdão? Não. Talvez Grandeza? Tampouco. Foi Amor Próprio, que já falamos no início? Diria que quase: foi o Orgulho, alimentado pela Idealização e pelo Romantismo. Don Juan Manuel era um mortal orgulhoso demais. Às vezes, inclusive, seu orgulho cruzava a nebulosa fronteira com a Arrogância. Acreditava que era melhor do que o alemão barbudo e estava determinado a provar isso. Não iria se rebaixar ao nível dele. Não iria destruir sua bicicleta, ou bloqueá-la, ou ir procurá-lo para espancá-lo até virar uma polpa. Para ele, o Orgulho era mais importante do que a Vingança. Ou talvez fosse sua forma —equivocada— de entendê-la.

De certa forma, posso entender a confusão de Dom Juan Manuel. Eu geralmente sou sócia do Orgulho. É ele quem procura fazer parceria comigo para curar as feridas que podem ter sido infligidas a ele. No entanto, sob certas circunstâncias, o Orgulho se torna presa de si mesmo e acredita que deve ir além da aspereza de meus recursos. Nessas ocasiões, sobe no carro da Arrogância, e usa a palavra «ultramontano» para me descrever. Eu não

vacilo. São meros artifícios retóricos para baixar o preço do indiscutível: minha eficácia.

A viva confusão sobre meu esboço dura até o final da história. No último parágrafo, Don Juan Manuel fala de «vingança orgulhosa». Não consegue me separar do Orgulho. Mesmo em sua desordem mental, ainda consegue reconhecer minha voz firme. Me recuso a ficar satisfeita. Lhe aviso que isso não acabou. A voz do Orgulho também é ouvida. Interfere. Continua a pregar suas ideias tolas sobre a criação artística como punição superior. Fala em voltar para a Alemanha, imprimir livros, distribuí-los pela cidade até encontrar o alemão barbudo. A confusão persiste.

Dom Juan Manuel não consegue compreender — e espero que vocês sim possam — que a Vingança nunca, nunca jamais, se contenta com artimanhas.

# O possível

*«Seu rosto tinha sido deformado por acaso ou destino, mas ainda era ela.»*

*Peter Epr, ao evocar seu reencontro tardio com felicidade*

Senti uma atração incontrolável pelas duas desde o primeiro momento em que as vi, muito antes de começar a falar com elas. Pareciam e se moviam como se fossem uma, em harmonia que se não natural, parecia ter sido construída ao longo dos anos. Precisava me aproximar delas, em todos os planos possíveis. E desta vez, ao contrário de muitas outras, meu desejo não se limitou à simples imaginação de um homem, quando a comodidade ou a insegurança finalmente se impõe, mas estava completamente determinado a levar minhas fantasias para o terreno da realidade.

As praias tailandesas paradisíacas forneciam o contexto ideal. O espírito de férias, liberdade, aventura, sentia-se em cada centímetro da ilha onde o destino nos reunia durante o mesmo e curtíssimo espaço de tempo. O sol esmagador despia os corpos, os bronzeava e os transpirava. O descanso nos enchia de energia e a ameaça do fim nos levava a liberá-la sem especulações.

Elas eram holandesas, um grande argumento, inclusive suficiente. Seus nomes, Hannah e Inge, reforçavam isso. Elas eram lindas, embora não tanto a ponto de serem inacessíveis. Uns dois anos mais velhas, uma diferença que me habilitava e até me comprometia a uma ousadia maior. Finalmente, supus que a busca por novas experiências foi o que as trouxe aqui. Como quase sempre acontecia.

Minha identidade latina encaixava-se perfeitamente nesse cenário e não hesitei em acentuar os estereótipos que —eu sabia— iriam passar em seus pensamentos. Isso era ainda mais importante no momento da impressão inicial, então quando me aproximei pela primeira vez, na praia, fui despreocupado e sorridente, mas também determinado. A conversa e a noite avançaram rapidamente. Não perdi a oportunidade de fazer brincadeiras sobre suas belezas e sua maioridade. Me convidaram para jantar, convite que interpretei como uma recompensa pelo meu desenvolvimento.

Hannah deu um golpe nas minhas intenções quando mencionou tardiamente a existência de seu namorado. Recuperado, decidi não dar muita atenção a esse tipo de declaração que tantas vezes se revelou uma mera formalidade, uma etiqueta necessária para o fluxo da conversa social.

Os dias seguintes só trouxeram emoções intensas, ou seja, felicidade. E até por um momento, pude esquecer dela, que estava tão longe. Percorremos a ilha de bicicleta, visitando cada um dos seus recantos. Tomamos banho em cada uma das praias secretas; quando a situação permitia, nus. E todas as tardes nos juntamos às partidas de vôlei que duravam até o pôr do sol, junto com outros viajantes que vinham dos cantos mais distantes do mundo, com seus traços e idiomas exóticos.

Num jogo em que perdíamos o controle sem muita preocupação, nos seduzíamos lenta e silenciosamente, com a sugestão implícita e mentirosa de que nada de concreto aconteceria.

Eu realmente as desejava e deixei esse desejo transparecer de forma transparente sempre que tive a oportunidade de fazê-lo. Livres, meus instintos se inclinaram para Hannah, equilibrando o vínculo complexo que nós três, conscientemente ou não, estávamos construindo.

Foi uma tarde, caminhando juntos, que Hannah me confessou sua insatisfação com a vida que a esperava na Holanda. Uma tentação acessível quando nos encontramos rodeados por palmeiras e águas fosforescentes. A escutei com atenção, alimentando seu desabafo, e compartilhei com ela minha visão sobre o assunto, uma de minhas obsessões. Pensei que a tinha comovido, e sabia, neste momento com certeza, que ela me desejava.

Os poucos dias pareceram semanas, e o fim da aventura compartilhada começou a se aproximar. A proximidade emocional e física tornou-se indisfarçável. Um sentimento natural de nostalgia precoce foi adicionado ao já denso coquetel de sensações que crescia em nós. Aproximava-se o momento das definições e, embora não falássemos abertamente sobre isso, todos podíamos senti-lo.

Naquela noite, a última, dividimos duas garrafas de um delicioso vinho na praia, sob a proteção de um mar calmo e milhares de estrelas. Depois de uma longa conversa e um longo silêncio que disse tudo, eu às bejei, primeiro Hannah e depois Inge. Esses beijos foram puro sentimento. As carícias se desfizeram em intensidade e o eterno calor tailandês começou a se tornar insuportável.



Então, de repente, enquanto eu beijava Inge, Hannah soltou minha mão, levantou-se em um movimento e nos deixou. Sem interromper Inge, que não se incomodava com a partida da amiga, tentei entender o que estava acontecendo. Os beijos de Hannah, ainda frescos em mim, me fizeram saber que as respostas deveriam ser encontradas em sua cabeça e não em seu coração. Talvez o namorado, talvez Inge, talvez ambos.

Com dificuldade, parei Inge por um momento e tentei convencê-la a ir em busca de Hannah. Mas sua única resposta, corporal e silenciosa, foi a determinação de ocupar firmemente o vazio que sua amiga acabara de deixar. Rendido à energia de sua oposição, entreguei-me à consumação incompleta de nossa relação triangular. Quando a permanência naquela praia se tornou insustentável (uma solidão imperfeita, uma escuridão insuficiente), decidimos caminhar para o sul, onde esperávamos encontrar a intimidade que a distância costuma proporcionar.

Chegamos ao ponto em que a praia se extinguiu. Só ali encontramos as sombras e a tranquilidade que procurávamos. Havia uma grande parede cinzenta, algumas pedras e um pouco de grama. O lugar era o menos gracioso de todos que percorremos para chegar àquele canto esquecido, mas às vezes a beleza tem a forma do que é necessário.

Naquela praia agonizante, com o mesmo mar ao nosso lado e sob as mesmas estrelas, recomeçamos o nosso ritual de beijos. Nós nos amávamos como se fosse a primeira ou a última vez – de fato, eram – enquanto, sem dizer isso, pensávamos em Hannah.

Quando o amanhecer começou a raiar, nos levantamos e nos vestimos. De mãos dadas, voltamos para o apartamento onde Hannah poderia estar dormindo. Ao chegar, sempre do lado de fora, despedi-me de Inge com um longo beijo cheio de contradições que me encheu o peito de angústia. Me viu ir embora e lhe dar um último beijo à distância antes de virar a esquina. Então, incapaz de conter as lágrimas, caminhei sem rumo até meu hotel.

# Tchau, burgueses!

*«As confidências trocadas em voz baixa também surpreendiam. Falavam de doença, de dinheiro, de tristes preocupações domésticas, inglórios muros de prisão onde jaziam esses homens. E de repente me apareceu a face do destino... »*  
*Antoine de Saint-Exupéry*

O nome específico do lugar, ou seja, o lugar, não é importante. Direi apenas que aconteceu em algum canto de Buenos Aires, a cidade amada e odiada, onde é tão comum encontrar burgueses quanto encontrar aqueles que os desprezam. E onde também se pode encontrar ambos convivendo nas mesmas pessoas. Como é tentador ser um revolucionário sentado à mesa de um confortável café de Buenos Aires!

Eu sou uma dessas pessoas ambivalentes, conflitantes ou confusas. Qualquer análise séria do meu estilo de vida, qualquer avaliação imparcial dos meus pertences e, mais importante, das minhas prioridades, concluiria inegavelmente que sou um burguês. Isso não me deixa nem um pouco orgulhoso. Pelo contrário, isso me atormenta. Bem sabem meus amigos, que devem me ouvir teorizar sobre o assunto o tempo todo. A meu favor, posso dizer que os burgueses clássicos não me consideram um deles e muitas vezes se referem a mim como um mero hippie ou boêmio. O que é como mínimo, uma imprecisão. Na verdade, os meros hippies e boêmios me consideram apenas um burguês desprezível, um pobre homem cidadão insatisfeito.

De outro ponto de vista, mais conveniente à minha consciência, posso conjecturar que ser burguês, ou não, depende das palavras escolhidas para defini-lo. Trata-se da melhor maneira — na verdade, apenas a mais cômoda, a mais burguesa — de ajustar uma realidade desfavorável à medida de nossos desejos. Por isso, gosto de uma definição de burguês às vezes citada por Alejandro Dolina: «alguém mais preocupado com a prosperidade do que com a honra».

O que precede não altera os fatos que descreverei a seguir, mas me fornece alguma autoridade moral para descrevê-los.

Eu tinha que andar por aquele bairro portenho todos os dias e durante meu passeio não tive outra alternativa a não ser passar por La Confitería. Através de sua frente envidraçada e luminosa, pude perceber sua promessa de bem-estar, baseada em uma exibição planejada de cuidado, brilho e conforto. As grandes e brilhantes vitrines ostentavam uma padaria de primeira classe, verdadeiras iguarias de uma qualidade estética deslumbrante. Os funcionários, animadíssimos, brilhavam em seu uniforme branco que incluía - na minha opinião, excessivamente - uma espécie de boina. Apresentaram comportamentos exemplares e um discurso neutro, processual e previsível. As mesas eram sólidas, firmes, dignas de sustentar a fonte máxima de prazer: o produto. A música funcional, suave, se descobria ideal para relaxar e curtir. Ao lado, muito maior que o interior, havia um salão externo de madeira, decorado com muitas plantas delicadas em perfeita harmonia. Um sigiloso sistema de refrigeração atenuava os invernos rigorosos e os verões selvagens, sem abrir mão da sensação de estar em contato direto com a natureza, aquele ambiente teoricamente desejável. E o mais importante, muitos burgueses estacionavam ali, aliviados, dispostos a viver um momento de descontração e relaxamento .

Não foi fácil para mim entender que os clientes de La Confitería eram burgueses. Eu mesmo já estive lá muitas vezes, desfrutando daquela ficção perfumada. Por muito tempo tinha sido um deles, e de alguma forma ainda era. Como é difícil perceber a realidade quando se está imerso nela! Mas do meu interior mais profundo, uma verdade íntima emergia e sussurrava para mim que algo importante estava hibernando sob aquela superfície aveludada. Então aguçava meus sentidos e, cada vez que passava pelas grandes janelas, diminuía o passo. Meu espírito perturbado exigia que eu interpretasse esses burgueses e, por que não, os interpelasse. Observava sua tranquilidade aparente e cronometrada, seus olhares inquietos e divergentes, sua saúde muitas vezes deteriorada. Observava como agarravam a pequena alça da xícara e se apaixonavam por aquele café preto fumegante, tomando um gole e se divertindo com um prazer fugaz. Sim, examinava-os detalhadamente, porque precisava decifrar a suspeita que, irreprimível, crescia dentro de mim.

Desse modo inquieto passei meses por La Confitería, meditando naquela imagem comum, mas cativante, que me assombrava durante o resto do dia e às vezes durante a noite. Não era possível continuar assim, me distraindo, desperdiçando energia. Algum tipo de medida era necessária. Ao

longo das semanas que se seguiram, debati entre várias alternativas que prometiam atingir as paredes daquele mundo polido e sereno, no centro do qual eu adivinhava, porém, fervor. Finalmente, decidi por uma opção limpa e direta.

«Tchau, burgueses!», quase gritei para todos os que estavam sentados na vasta área aberta de La Confitería que dava para a rua, na tarde seguinte à minha decisão. Acompanhei minha saudação com um sorriso pobre - estava nervoso - e minha mão levantada de maneira tradicional. Assustados com o inesperado, os burgueses se voltaram para mim rapidamente, quase alarmados, e tentaram entender o que estava acontecendo. «De onde veio aquela pedra perturbadora em nosso imóvel espelho d'água? Quem se atreveu a lançá-la e por quê?» Desorientados, fixaram seus olhos arregalados e queixosos em mim. Por falta de respostas, os moveram para seus colegas de mesa e depois para as mesas vizinhas. Enquanto isso, atravessei a calçada e olhei para eles, concentrando-me desconfortavelmente (para eles) em sua suposta paz de espírito. Assim os fatos permaneceram, até que eu estava fora de seu alcance visual absorvente.

A experiência, curta e clara, me encheu de satisfação. Mesmo a ação mais modesta tinha um sabor melhor do que as rumações. A dissidência injustificada dos meus medos provou-se errada mais uma vez. Posteriormente, revisei minuciosamente cada uma das arestas da minha intervenção, procurando espreme-las de conteúdo como uma laranja. Parabenizei-me pelos poucos momentos que me pareceram destacáveis— até marcantes — e me critiquei rigorosamente quando considerava um gesto inadequado ou uma expressão excessiva. Essa revisão insistente do ocorrido não se explicava pelo prazer de exercitar minha tendência à análise, nem pelo regozijo que pude obter graças à minha pequena audácia, mas sim como parte dos preparativos para minha próxima intervenção.

«Tchau, burgueses!», gritei para os clientes da La Confitería, desta vez com determinação e entusiasmo, configurando uma atitude que me encheu de orgulho. A reação foi essencialmente a mesma de antes, como pude ver durante os poucos segundos em que mergulhei em seus rostos: bocas surpresas, olhos arregalados, expressões perplexas. Nada de novo, porque o público estava completamente renovado e todos estavam me vendo pela primeira vez. Mas não seria a última, porque estava determinado a repetir minhas ações até que algo importante acontecesse.

«Tchau, burgueses!», eu os cumprimentava gritando todos os dias que se seguiram. Foram cumprimentos cheios de sentimento e dedicação, de paixão, em que também explorei sutis variações de tom, volume e sotaque. Um dia acompanhei minha saudação com a habitual mão levantada, outro com os braços erguidos como um reencontro tardio, outro com o dedo indicador apontando para eles, no estilo de uma anotação dedicada. Dentro de cada combinação havia também nuances emocionais. Braços levantados podem denotar alegria ou nostalgia. Embora guardasse segredo, deixava que o clima me influenciasse, me inspirasse... mais do que isso, deixava que me dominasse e se expressasse através de mim, como se eu fosse seu mero instrumento, um artefato humano destinado a informar o estado de o clima. Assim, por exemplo, se estava ensolarado, era radiante como o sol, mas se estivesse chuvoso, a saudação tinha tons tristes e tinha sabor de despedida.

Aos poucos fui reconhecendo os burgueses que se repetiam entre o público. A reação à minha segunda saudação também tinha um padrão definido. Havia surpresa, sem dúvida, mas era de um tipo diferente. Era a surpresa – e até a alegria – de confirmar que minha primeira intervenção havia sido real e que eu realmente existia; não tinha sido um simples erro da memória, nem um exagero vulgar. Incorporava também uma certa satisfação, produto de ter presenciado o fenômeno antes dos demais. Isso permitia explicá-lo com auto-aperfeiçoamento, como se fosse uma normalidade acessível apenas aos verdadeiros frequentadores de La Confitería. «Ah sim, Marta, eu já vi esse rapaz, blá, blá...», uma possível Silvia acalmava a amiga com desenvoltura, acompanhando o comentário com uma mão maternal e tranquilizadora no braço assustado de Marta. A antiguidade dos reincidentes involuntários também se manifestou na qualidade dos seus olhares. Quando encontrava seus olhos e os conectava para conhecê-los, para me dar a conhecer, a mensagem que me enviavam era inequívoca —«Já te conheço»—, assim como a intenção de me informar que não os peguei de surpresa, nem os achei indefesos. O reconhecimento confirmado, aceito por mim com prazer, seus olhares se tornavam interrogativos —«o que é tudo isso?»—, mas eles só encontravam por trás de meu semblante, no fundo de minha alma, um «já verão, já verão ».

Com o tempo, vizinhos, amigos e parentes também começaram a aparecer entre os burgueses de La Confitería. Eu havia previsto essa desagradável possibilidade, mas decidi seguir em frente, já tendo entendido e aceitado a dificuldade de tentar algo novo – de me expor – a quem já me

conhecia e carregava uma expectativa ou preconceito sobre mim. Era muito mais fácil fazê-lo diante de estranhos, diante dos quais podia abusar de uma certa e generosa imunidade: a impunidade do anonimato. As reações dos já conhecidos demonstraram ser mais intensas e intolerantes, pois incorporavam o desconforto de um relacionamento para explicar aos outros, o incômodo de se responsabilizar. E, por isso, acentuavam a exigência em seus pedidos visuais de explicações: «o-que-é-tu-do-is-to?!» Não foram poucos os que me contactavam mais tarde e, como efeito, perguntavam-me «o que é tudo isto?!». Com a maior naturalidade, alegava uma saudação gentil e educada, como convinha a pessoas de bem como nós, os burgueses.

Os garçons foram os mais expostos à evolução dos acontecimentos, pois não tinham outra escolha senão participar deles diariamente. Ante minhas primeiras aparições, eles responderam como os outros, com surpresa. Em seguida, se transformaram em um sorriso que insinuava simpatia, quase cumplicidade. Inclusive, cheguei a perceber o apoio. Tal reação não me pareceu nada estranha. Bastava imaginar o esgotamento que poderia produzir em um ser humano a responsabilidade de atender burgueses por horas, todos os dias, em um lugar como La Confeitaria, dando uma resposta eficiente às suas exigências de qualidade, tempo e serviço. O mínimo que os burgueses exigiam e, mais importante, mereciam. Afinal, era para isso que trabalhavam como cachorros. Para beber um cortado e comer um scone em paz. Tampouco pediam tanto, pelo amor de Deus!

Seu caráter efêmero é inerente à surpresa. A que invadia os burgueses, produto das minhas incursões públicas, precisava se tornar algo diferente. Essa nova etapa foi: o incômodo, embora minhas saudações fossem geralmente alegres e otimistas. Essa transição não me surpreendeu, muito menos me desencorajou. A possibilidade real de incomodar os burgueses tinha sido, estritamente falando, uma de minhas principais motivações.

É por isso que, com o passar dos dias, o espírito fraterno dos garçons foi se voltando para a mais simples preocupação. De uma posição privilegiada, eles testemunhavam – mas acima de tudo, sofriam – como o humor dos comensais declinava após cada uma das minhas aparições. À medida que o aborrecimento se espalhava e se transformava em raiva, os burgueses exigiam explicações dos garçons, que obviamente não tinham nenhuma. «Quem é esse rapaz?! Por que está fazendo isso?!» exigiram acenando com as mãos, seus olhares severos alternando entre o garçom

indefeso de serviço e seus próprios companheiros de mesa. O garçom não podia responder — claro que não podia, já disse! —, mas isso não os desencorajava, pois não iam ficar sem respostas. Afinal de contas, para isso pagavam. «O que esse rapaz quer de nós?! O que fizemos para ele?! La Confitería não pode fazer algo?! »

O aborrecimento da burguesia se transformou em indignação e estava a caminho da fúria. A mera certeza da minha saudação prestes a chegar conseguia desestabilizá-los e induzi-los a perder a concentração. Enquanto esperavam minha chegada, os burgueses conversavam de maneira particularmente insubstancial, inquietos, com parte de sua atenção voltada para minha chegada iminente. Apenas aparecer e olhar para eles me fornecia os detalhes de sua tensa espera. Seus corpos ficaram tensos, endireitando-se ligeiramente. Seus olhos raivosos aumentaram a temperatura, seus olhares escureciam e suas sobrancelhas se arqueavam na direção da raiva. Os primeiros a me ver avisaram rapidamente os demais, enquanto se mexiam excitados em seus assentos. Faziam-no com um sutil aceno de cabeça, um toque manual ou um «lá vem» dito baixinho, suficiente, compreensível. Na medida em que todos foram avisados da minha chegada, o silêncio se pronunciava, como se abrisse espaço para a minha saudação. Nas últimas semanas, aquele silêncio tinha corrido do depois, nascido na surpresa, para o antes, filho da espera preocupada. Caminhava o mais devagar possível e tentava olhar para todos, um de cada vez, para confirmar que estava falando com eles, com cada um. Ninguém estava a salvo. O nervosismo crescia e só minha esperada saudação conseguia descomprimi-lo. Então a reprovação, o aborrecimento e — pouco tempo depois — as desqualificações fluíram para mim, enquanto eu desaparecia na outra ponta da La Confitería.

Por sua própria natureza, a situação era incapaz de permanecer estática. Tinha que continuar progredindo ou explodir. Os burgueses carregavam uma aversão instintiva à explosão e isso os levava a procurar válvulas de escape. Então, com minha mera aparição, soltaram murmúrios e começaram a esquentar suas gargantas. Esperavam - e desejavam- minha saudação, talvez esperando se libertar um dia, ou talvez apenas para continuar fugindo. «Tchau, burgueses!» Dei-lhes aquela satisfação subterrânea e eles a aceitaram com um prazer sombrio, enquanto explodiam de raiva. «Isso é inaceitável!» gritavam aos céus com admirável expressividade, derivando sem parar nos insultos mais infantis. A crescente

intensidade do conflito tomava conta de mim como um rio cheio, enchia cada canto do meu corpo com uma deliciosa adrenalina. Não podia pedir mais.

Os burgueses estavam convencidos de que meu único e último objetivo era provocá-los. Isso era intolerável para eles. Os fatos concretos —devo dizer— não os desmentiam, embora a verdade não fosse tão simples. No entanto, não estava disposto a iniciar debates esclarecedores, nem a promover a busca de entendimento ou consenso. Os burgueses compartilhavam secretamente meus critérios intransigentes, minha busca passiva de choque, assim que não tardaram em ficar de pé, ameaçantes, para acompanhar seus insultos. Nem ao aproximar-se da grade e enfiar contra ela seus rostos desconexos e avermelhados pelo ressentimento. Daquela proximidade me xingavam da maneira mais cruel. Mais de uma vez, pensei que cuspiriam em mim. Inclusive, colocavam os braços entre as barras para tentar me agarrar ou me bater. Limitei-me a me afastar meio metro da grade de La Confitería.

Os rostos desfigurados me prometendo violência física me fizeram repensar a continuidade da turbulenta experiência. A conveniência prática de fazê-lo era inegável, mas por outro lado não encontrei as únicas razões razoáveis, as fundamentais. Apenas perigos potenciais, frutos da mais inadmissível irracionalidade. Qual era minha culpa se os burgueses estavam completamente cegos, se não podiam deixar para trás a negação mais fechada? Por acaso deveria abrir mão do meu direito de cumprimentá-los abertamente? Que tipo de homem pretendia ser?

Foi um dos dias que se seguiram. Como se pressentisse meus debates internos, o gerente da La Confitería me esperava na calçada do lugar, a poucos metros da entrada. Me pediu para conversar um pouco, sua preocupação era inegável. Por intermináveis minutos, com o melhor de sua boa vontade, tentou «me fazer ver a razão». Detalhou os benefícios de suspender o que chamou de «minha provocação», e, sobretudo, me alertou sobre as consequências de não fazê-lo. Compreendi sua abordagem pacificadora e, principalmente, os interesses que o motivavam. Em resposta, destaquei sua mediação como «inestimável», mas recusei categoricamente seus pedidos por considerá-los infundados. Fechei o diálogo, o cumprimentei com gentileza e segui na mesma direção de sempre. «Tchau, burgueses!», gritei - e me insultaram - como sempre, embora estivesse um pouco incomodado com a intromissão insolente do gerente e a consequente



demora. Acaso achava que tinha o direito de me interromper de forma tão gratuita? Achava que eu não tinha nada para fazer, que não tinha uma vida?

Quando voltei no dia seguinte, o gerente não pressentiu minhas perguntas, ou não se importou, pois me esperou novamente no mesmo lugar. Para me incomodar de novo. Desta vez, estava acompanhado por dois policiais. Junto com eles, tentou me convencer da conveniência de «abandonar minha atitude». Rejeitei categoricamente suas recomendações ameaçadoras. Afinal, estava cometendo um crime? Não eram os burgueses que juraram que me linchariam a qualquer momento? Não eram eles que deveriam «abandonar sua atitude»? Não, senhores, não haveria mudanças, meus cumprimentos seriam mantidos até as últimas consequências. Despedi-me e segui meu caminho, como sempre. «Tchau, burgueses!» Insultos e à casa. Para comer e dormir, porque no dia seguinte havia muito o que fazer.

Os avisos tinham chegado bem na hora. Quando reapareci diante de La Confeitaria, os burgueses me esperavam, sérios e de pé, de frente para mim. Não se privavam, mesmo em pé, de tomar um mocaccino ou degustar uma massa fina. A cena me pegou desprevenido, e por um momento me perguntei como reagir. Claro, não poderia deixá-los saber, muito menos, retroceder.

«Tchau, burgueses!» Gritei a eles, com mais firmeza do que nunca. Era como uma ordem de largada. Os burgueses correram para a porta, se amontoaram ali e por um momento ficaram presos. Enquanto observava como eles lutavam para sair, debatia entre enfrentá-los ou correr. Olhei para seus corpos flácidos, suas testas suadas, seus rostos distorcidos pela explosão. Seus movimentos rústicos denunciavam o sedentarismo, a estagnação, o abandono. Isso me fez decidir correr, mais para ajudá-los a acordar do que para escapar.

A burguesia não me alcançou, nem esse dia nem nos dias seguintes, assim como os sonhos sempre adiados não são alcançados. Com o passar das semanas, fui percebendo que eles ganharam aptidão física e mobilidade, à força de correr diariamente. Minha simples aparição desencadeava as emoções e a caça implacável. Desfrutava muitíssimo, de um jeito difícil de colocar em palavras, gritar-lhes «Tchau, burgueses!» e fugir em alta velocidade. Nas esquinas parava e os esperava sarcasticamente, desafiando-os a me alcançar. Esse engano disfarçado de misericórdia os enfurecia ainda mais.

Aquela tarde de inverno foi como uma noite clara demais. A lua, tão cheia, parecia um sinal. Exultante, cheguei à La Confitería pronto para gritar «Tchau, burgueses!» com muita alegria e empenho. A surpresa – pouco antes de se transformar em desolação – foi enorme ao encontrar todas as mesas vazias. Os garçons, de pé ao lado do balcão, me olhavam com tristeza deliberada. Meu coração batia forte, porque já tinha entendido. Ampliei meu campo visual e procurei nos arredores. Na esquina, várias dezenas de burgueses armados me esperavam. Olhei desnecessariamente para a outra esquina. Tentei me concentrar, para tentar me salvar, mas soube imediatamente que não havia saída. Caí de joelhos, olhei para o céu e nele a lua: parecia grande e linda. Só me restava esperar pelo resultado. Peguei minha cabeça com as duas mãos, encostei-a no chão e suspirei profundamente.

# Demasiado ruído pela manhã

*Para Silvina, a besaraba.*

É falso que não existam bons *hammams* - isto é, banheiros - na região que os moldavos chamam de Bessarábia. A alta burocracia otomana, agora instalada em Istambul, fala sobretudo com leviandade. Não há malícia em seus julgamentos, mas sim preguiça. Do conforto dos aposentos imperiais, reivindicar terras recém-conquistadas é um exercício gratuito. Muito poucos membros da elite vão às cenas da história para tirar suas próprias conclusões. É por isso que a verdade é escassa no coração do Império. Este é um perigo emergente que o Sultão tem o dever de compreender.

Os novos Hammams de Akkerman estão entre os melhores do mundo. Digo isso com a autoridade que vem de ter visitado todos os banheiros do Império. Se alguma vez houve satisfação genuína na minha vida, é isso. Além do óbvio prazer físico, os banheiros me proporcionaram um inusitado deleite espiritual. Eles me ensinaram sobre arquitetura, história e política. Mas acima de tudo, eles me permitiram conhecer a alma dos homens. É por isso que quando encontro banheiros extraordinários, posso reconhecê-los imediatamente.

A identidade do arquiteto dos banheiros permanece escondida sob um manto de versões cruzadas. Os rumores são multiplicados com premeditação para garantir que ninguém tenha certeza. Na minha opinião, esse nó informativo é a melhor evidência de que é o próprio Mimar Sinan. Não é tão difícil perceber que sua capacidade inigualável é filtrada em cada um dos acabamentos arquitetônicos. Mas, além disso, ao romper as relações que o ligam ao poder, fica claro que seus vínculos com a Capital não estão isentos de conflito com os poderes desse novo *sanjak*. Permanecer no anonimato é, acima de tudo, uma conveniência.

A arquitetura dos banheiros está justamente ligada à inovadora corrente *sinaniana*, mas já dentro dela não chega a ser tão original. Isso não tem porque ser ruim. As áreas para homens e mulheres são dispostas simetricamente em um eixo principal que constitui a espinha dorsal do edifício. Cada área possui as salas básicas: *soyunmalık*, *soğukluk* e *sıcaklık*. A área masculina tem algumas peculiaridades de design. Por exemplo, um

amplo stoa se desdobra para os caminhantes como a plataforma ideal para apreciar —acima— uma bela cúpula com acabamentos decorados.

Os banheiros integram-se sem preconceitos à tradição greco-romana. O estudo rigoroso de Sinan da arquitetura ocidental não é nenhum mistério. Se há uma coisa que admiro nesse eminente artista é sua coragem intelectual diante de todas as ideias existentes. O Sultão - e seus sucessores - deveriam olhar para esse espelho para garantir que o Império, agora vasto e multicultural, perdure por mil anos.

Entre as aquisições do Oeste, destaca-se a Grande Alverca. É redonda, com cerca de dez *arşins* de diâmetro e cerca de dois de profundidade. Não conheço os materiais das bordas, mas posso garantir que é muito confortável descansar sobre elas. A água tem *o calor dos homens*, uma temperatura muito agradável no inverno. Durante o verão, a alverca também é uma fonte de felicidade. Neste caso, para se livrar do suor e da poeira, mas acima de tudo para se purificar para o próximo dia. Se o calor é realmente cruel, alguns de nós visitam os banheiros à noite, mesmo que isso signifique pular alguns regulamentos. Anos de lealdade aos banheiros e suas autoridades permitem certos privilégios.

Sinto que temos muita sorte de ter invernos e verões. Grande é Alá por nos ter dado as duas estações. E por ter aberto a porta para a seguinte verdade: não há prazeres imunes à passagem do tempo. A rotação, transformação ou evolução do gozo é o segredo de um prazer maior, mais incondicional e perene.

À tarde, os banheiros ficam lotados. Somente os homens que são muito sociais ou insatisfeitos podem encontrar algum tipo de compensação mergulhando em uma praça tão lotada. Devo esclarecer que a rejeição não me impede de entender. Sei que grandes amizades foram forjadas nesses multitudinários banheiros vespertinos. Posso até admirar que, nessas condições desagradáveis para mim, eles o tenham feito enquanto cultivavam a higiene.

O ambiente descontraído dos banheiros permite que os homens se encontrem facilmente e, com o hábito adquirido, se conheçam e aprofundem as suas relações. A confiança é um bem inestimável no mundo otomano. A juventude do Império e a fragilidade de suas instituições reforçam a importância de poder se apoiar no outro. Não estou mentindo quando digo que nosso mundo depende, neste momento, de uma delicada teia de lealdades pessoais.

Não é de se estranhar que a sociabilidade dos banheiros seja terreno fértil para a política. Se monta com predestinação natural com base no encontro social. Tempo, relaxamento e intimidade são condições frutíferas que nem sempre andam de mãos dadas. O debate de assuntos públicos, o comércio de influências ou as intrigas palacianas são tão comuns quanto o vapor quente.

Logo pela manhã, os banheiros estão quase desertos. Esse é o meu momento. Amo a tranquilidade do amanhecer, quando a brisa é fresca e cheira a limpeza. Adoro quando os primeiros raios de sol são quase brancos e se lançam obliquamente nas árvores. Amo esse silêncio verdadeiro atravessado apenas pelo burburinho dos pássaros. Em última análise, amo essa parte do dia em que o futuro está aberto e tudo pode dar certo.

Nós, as pessoas que frequentam os banheiros tão cedo, temos um caráter especial. Poderíamos dizer que somos reservados ou intolerantes. No meu caso, não tenho escolha a não ser aceitar que pertenço a ambos os grupos.

De manhã, nos banheiros acontece a mesma coisa que à tarde, mas de forma diferente. Sim, é claro que forjamos relacionamentos, pessoais e políticos, mas o fazemos sem o obstáculo das palavras. Um silêncio, um gesto ou uma resposta precisa costumam ser mais conclusivos. Sem distrações retóricas, as essências se manifestam muito mais cedo. E isto significa um tempo precioso. Desta forma, em questão de dias conseguimos nos conhecer com grande profundidade.

É por isso que o aparecimento de Murad, um dos filhos do sultão e um potencial candidato ao trono, nos causou tanta irritação. Ele veio pela primeira vez para os banheiros no meio da manhã. Notamos sua presença antes de ele entrar no prédio. Falava muito alto e com grande desnecessidade. Da piscina tranquila, imóvel e sem a necessidade de tê-lo diante de nossos olhos, pudemos saber com precisão a sua entrada e o seu percurso pelas salas.

A presença de Murad não nos pegou de surpresa. Estávamos cientes de sua chegada na cidade. Começara a frequentar os banheiros à tarde, num ambiente muito mais natural para as suas formas bruscas e redundantes. Sabíamos que sua entrada brutal e altiva provocara uma rejeição geral entre os presentes, mesmo quando se moviam com particular conforto nos redemoinhos hipócritas do poder. Não o expulsaram abertamente, mas foram expressivos o suficiente para que o filho do sultão, apesar de suas

limitações, compreendesse plenamente que não era bem-vindo. Era apenas uma questão de horas antes que o tivéssemos, de manhã, entre nós.

As intenções de Murad também eram conhecidas. Aspirava a assumir a liderança desta região do Império. Aparentemente, o filho do sultão não era amplamente aceito na capital e o príncipe decidiu testar seu valor, deixando de lado o conforto da corte. Além disso, pretendia fazê-lo por seus próprios méritos, sem abusar do privilégio de sua ascendência real. Até agora, louvável.

Por que Murad havia escolhido esta região do Império não estava totalmente claro. Os mais fiéis sustentavam que o filho do sultão avaliava o território recém-conquistado como livre de hierarquias estabelecidas; por outro lado, estava animado com a perspectiva de novas terras e riquezas ao norte, na região que os moldavos chamam de Rus. Os céticos descartaram essa hipótese, afirmando zombeteiramente que os critérios do príncipe se resumiam ao seu gosto pessoal pelas *mulheres do norte*.

Minha relação com o sultão era nula. Não nos devíamos nada. Talvez soubesse da minha existência, mas de nenhum modo havia familiaridade. Eu não era tão importante, não ainda. Havia me tornado quem era sem o favor dele e alcançaria meu destino da mesma forma. Em poucas palavras, não tinha nenhum interesse, animosidade ou especulação especial contra o sultão ou seu filho. Declarações equivalentes poderiam ser feitas, sem medo, sobre os outros banhistas matinais.

O que quero dizer é que o desconforto com Murad era puramente circunstancial. Nossa animosidade em relação a ele teria sido a mesma com qualquer outra pessoa que se apresentasse da mesma maneira diante de nós.

Com as visitas matinais de Murad aos banheiros, a tensão na alverca tornou-se evidente. Os olhares tornaram-se intolerantes. Os suspiros impacientes se multiplicaram. Os movimentos bruscos, produto do incômodo, corromperam muito mais do que o normal o espelho d'água da alverca. Só um homem completamente cego — como o príncipe — não teria entendido.

Infelizmente para todos nós, nossa falta de receptividade não desencorajou as aspirações de Murad. Ao contrário. Talvez ele acreditasse que seus esforços não eram suficientes. Prisioneiro de um diagnóstico equivocado, o príncipe tentou a amizade com crescente determinação. Enquanto ele se dirigia para o abismo, nossos olhares silenciosos se tornavam cada vez menos ambíguos.

Em seu último dia, Murad entrou nos banheiros mais determinado do que nunca. Nós o ouvimos cantar na entrada e avançar rapidamente até nossa sala. Nos cumprimentou em voz alta e mergulhou na piscina com um pequeno pulo, espirrando água em nós. Como de costume, não ecoou ao mencionar que a água estava mais quente esta manhã. Quase não podia nos ver por causa do vapor.

Na umidade enevoadada, duas figuras jovens pegaram Murad com força pelos braços e pela nuca. Já bem agarrado, o mergulharam com força no centro da piscina. Os respingos soavam como música suave sem a voz do príncipe vibrando no vapor.

Testemunhas da cena quase ignoramos o espetáculo. Diria que escolhemos aproveitar a água particularmente quente como quem aproveita uma lua cheia demais. No mais explícito dos casos – o chamaria de um erro – trocamos um mínimo olhar de aprovação.

A luta cessou. O querido silêncio finalmente havia retornado. Com habilidade notável, os carrascos arrastaram o corpo sem vida de Murad para fora da alverca e depois para fora da sala.

Nenhuma das testemunhas mencionou - ou mencionará - qualquer um desses eventos. Nem os banhistas da tarde mostraram qualquer interesse no súbito desaparecimento de Murad. Na verdade, ninguém na cidade nunca mais falou dele. Graças ao silêncio deliberado de diplomatas e viajantes, sabemos que nem mesmo o sultão voltou a perguntar sobre seu filho nos palácios imperiais da Capital.

# Adeus, querido edifício

*«Gostávamos da casa porque, além de espaçosa e antiga (hoje que as casas antigas sucumbem à mais vantajosa liquidação de seus materiais), guardava as recordações de nossos bisavós, o avô paterno, nossos pais e toda a infância.»*

*Julio Cortázar, em seu conto Casa Tomada.*

Gosto do edifício porque, além de espaçoso e antigo, guarda as memórias da minha avó materna, dos meus pais e da minha infância.

É uma verdadeira lástima ter que deixá-lo.

O preço do aluguel subiu de novo e não posso mais pagar. Na verdade, falar de aluguel é uma inexatidão confortável, pois nos acostumamos a dizer apenas «aluguel» para nos referirmos a «aluguel mais despesas». A conta que chega a cada mês tem um único item: «Aluguel». Ou seja, não há como saber como o valor total é composto. Minha avó diz que antes, na época dela, o aluguel e as despesas eram pagos separadamente. E que, além disso, as despesas vinham desagregadas com o detalhamento de cada gasto. Inverificável.

Não sem esforço, consegui fazer com que os administradores compartilhassem comigo a composição detalhada do «Aluguel». Diria que eles o fizeram com má vontade, obrigados pela minha insistência. Felizmente, sou uma pessoa diplomática. Caso contrário, a pouca predisposição que mostraram teria terminado mal. Não entendo por que tanta relutância, por que tanto mistério.

Com essa informação em mãos, pude confirmar o que já supunha sobre os gastos do edifício. Até o mês passado, as despesas (ou seja, os gastos comuns do prédio) eram do mesmo valor do aluguel. Agora, com o último aumento, o ultrapassaram. E por como se vislumbra o panorama dos próximos meses, posso supor que as despesas continuarão ampliando sua vantagem.

O último aumento nas despesas foi uma consequência direta da saída do vizinho do andar de cima. Um vizinho histórico, diga-se de passagem. O (outro) aumento anterior era muito oneroso para ele e não podia mais pagar. Era inútil tentar convencê-lo a buscar alternativas. Dissemos que ele daria



um jeito de pagar, que talvez as despesas caíssem nos próximos meses (embora isso nunca tivesse acontecido) ou que ele deveria solicitar alguma ajuda especial do consórcio. Os zeladores foram especialmente insistentes, mas também não conseguiram fazê-lo mudar de ideia. "Não posso, não quero, não devo", repetiu simplesmente o vizinho.

Em decorrência dessa saída, os demais inquilinos tiveram que arcar com o valor das despesas do vizinho em retirada. Ou seja, tivemos que pagar despesas maiores. O assunto foi discutido em uma reunião de condomínio. Alguns vizinhos, a começar pelos administradores, acabaram culpando o vizinho que estava saindo. Eu não pude comparecer à reunião, mas tal conclusão parecia um pouco injusta.

A partir desse evento, examinei meu próprio caso. Presumi que com minha partida as despesas aumentariam novamente «por minha causa». Como no caso do vizinho, a minha não foi uma decisão deliberada, mas uma consequência inevitável. Uma simples e pura falta de alternativas. De forma alguma eu queria passar pelas mesmas pressões públicas para deixar o edifício. Por isso, decidi que informaria o condomínio sobre minha saída no último dia, surpreendentemente, para não dar margem a qualquer tipo de manobra ou reclamação. Sim, mesmo que isso significasse correr o risco de perder o caução.

Como qualquer um pode imaginar, a solução natural e desejável para o condomínio teria sido alugar novamente os apartamentos liberados. É o que sempre tinha acontecido. No entanto, sob as novas condições, isso era altamente improvável. Se o edifício era incapaz de manter seus habitantes históricos, muito menos estava em condições de atrair novos inquilinos. Me constava que quando um interessado conhecia o valor do aluguel, saía assustado.

O edifício é médio, quase pequeno. Tem trinta e dois apartamentos. Há dois corpos de dezesseis apartamentos cada. E cada corpo tem quatro andares de quatro apartamentos. No térreo tem um enorme corredor com teto alto, um grande jardim com uma fonte no meio e um par de lojas na frente. E abaixo, no subsolo, um grande salão para eventos.

Minha avó sempre reclama que o prédio está «muito decadente». De acordo com sua intacta memória de longo prazo, durante os anos posteriores à sua construção o edifício «brilhava em todo o seu esplendor». Cada ano pintavam setores inteiros do edifício, qualquer item quebrado era substituído por um original em questão de dias e os jardins bem cuidados

estavam transbordando de flores. «Outros tempos», suspira enquanto termina de listar suas queixas.

Desconfio que minha avó deve estar certa. Atualmente, o edifício parece muito degradado. Não é pintado há anos. O mármore nas escadas está deformado. Os vazamentos se multiplicam e um cheiro suave de gás invade os cantos. Muitos cabos atravessam os telhados do edifício, uma paisagem infeliz vista do pátio central do térreo. Itens quebrados, como um poste ou maçaneta, podem levar meses para serem substituídos, e isso quase sempre acontece com peças piores que as originais. Bronze é substituído por aço, aço por ferro, ferro por plástico. A calçada sempre tem ladrilhos quebrados, com pequenos tufo de grama crescendo entre eles. Os zeladores sempre juram ter relatado problemas à administração. E a administração sempre jura que não há dinheiro.

Com o passar dos anos, a resignação se espalhou por todo o edifício. O fez sem barulho, mas sem descanso. Muitos vizinhos foram embora, muitos se refugiaram no trabalho (para pagar os aluguéis crescentes) e muitos, principalmente os novos, não se importam. Para estes últimos, o sentimento de declínio é o estado natural das coisas.

Cerca de 100 adultos moram no prédio. Destes, 16 trabalham na administração. 8 o fazem como zeladores e 8 como administrativos. Minha avó conta que antes, na época dela, havia apenas 2 pessoas: 1 como zelador e 1 como administrativo. E que sua mãe lhe disse, em tom de reclamação, que antes havia apenas 1 pessoa encarregada de tudo. Indemonstrável.

Os 8 zeladores têm tarefas muito definidas. Um é responsável pelos serviços públicos (eletricidade, água, gás, telefone), outro pelos pisos e paredes, outro pela limpeza, outro pela iluminação, outro pelo jardim, outro pela segurança, outro pelas cobranças e outro pelas «questões sociais». Quando um vizinho tem um problema no edifício, é fundamental entrar em contato com o zelador específico para atendê-lo. Se esse zelador não estiver disponível por qualquer motivo, não há escolha a não ser esperar. «Não é má vontade, senhor, mas fora o fato de que não depende de nós, não queremos invadir o espaço do nosso companheiro», respondem os demais zeladores se alguém procurar ajuda excepcional. Às vezes, encontrar o zelador certo pode levar vários dias.

Os 8 administrativos também têm muito trabalho. Não só devem dar apoio administrativo aos zeladores, mas também devem conduzir a economia do edifício. Além de administrar os aluguéis dos vizinhos, gerem

alguns empreendimentos que o condomínio tem, que se saiba, uma casa de alimentação (num dos locais da frente do edifício), um ponto de táxi particular (no outro local) e um salão de eventos (no subsolo). Todos dão perdas. Cada uma das empresas tem pessoal externo. Não é incomum o condomínio enfrentar processos trabalhistas, perdê-los e ter que pagar indenizações por anos. «Azar», lamentam os administradores.

Segundo minha avó, o objetivo inicial desses empreendimentos era financiar despesas. E, de fato, durante muitos anos essa meta foi atingida, razão pela qual as despesas eram baixíssimas. É por isso que havia uma considerável lista de espera para entrar para morar no prédio. Os administradores e os zeladores dizem que a vó exagera.

Hoje, o restaurante é usado como base de operações para os zeladores. E de seus parentes. É bastante natural e compreensível que assim seja. A comida disponível e os horários de atendimento são aleatórios, como em uma casa. Principalmente no inverno, costuma haver roupas penduradas (esclareço que apenas descansando, não para secar) nas cadeiras. Os poucos clientes externos garantem que gostam do «ambiente casual» do local. Esses clientes vão ao local tomar café, ler o jornal e conversar com os zeladores. Raramente almoçam ou jantam. Quando há algum problema no prédio, a melhor estratégia para encontrar os zeladores é procurá-los lá.

O ponto de táxi particular também não se destaca por seus benefícios. Os principais clientes são os zeladores e o pessoal administrativo. Suponho que por camaradagem, são mais tolerantes com as deficiências do serviço. Até onde eu sei, eles pagam como qualquer outro cliente. Outros vizinhos também utilizam o serviço com a ideia de apoiar o condomínio, principalmente quando não temos pressa.

O salão de festas permanece semi-abandonado e, portanto, não pode ser alugado. No máximo, é usado pelas pessoas do edifício. A melhor parte dos móveis e louças desapareceu, então quem quiser usá-lo deve trazer seus próprios utilitários. É uma pena, porque é enorme e a bela arquitetura do edifício também se manifesta no seu interior. Para colocá-lo em funcionamento novamente, seria necessário fazer um grande investimento, o que os administradores consideram inviável.

Outro motivo de lamentação é que, se esses empreendimentos dessem certo, o condomínio poderia ajudar mais vizinhos. Aliás, essa é a tarefa do «zelador das questões sociais». É o mais novo dos zeladores. Trata das

relações com todos os vizinhos que recebem ajuda do condomínio. Metade dos vizinhos recebe essa ajuda por diferentes motivos. Por exemplo, é recebido por quem tem filhos ou adultos dependentes, as pessoas com deficiência (um dos vizinhos, por exemplo, não tem um dedo mindinho), os que não têm emprego (um dos vizinhos, coitado, está desempregado há vinte anos), os artistas, os estudantes de engenharia, que compram eletrodomésticos ou carros novos, ou os que pagam um empréstimo hipotecário. É evidente que, ao longo dos anos, o condomínio desenvolveu uma sólida cultura de solidariedade entre os moradores do edifício.

Desde que me lembro, as decisões do condomínio são tomadas pelos inquilinos. Minha avó diz que antes, na época dela, as decisões eram tomadas pelos proprietários. Desde que não é mais assim, assegura, que muitos proprietários originais venderam seus apartamentos e outros decidiram parar de alugá-los. Para dar crédito à minha avó, ainda me lembro de muitos desses vizinhos que venderam as suas propriedades quando eu era criança e é verdade que alguns dos apartamentos continuam desabitados.

Para tomar decisões, os administradores convocam as reuniões de condomínio. Geralmente, as reuniões são realizadas por volta do meio-dia e com notificações logo pela manhã. Isso dificulta a participação de quem trabalha fora durante o dia. Diante das reivindicações, os administradores admitem o problema, mas se defendem dizendo que as questões surgem com enorme imprevisto e as resoluções exigem decisões urgentes. Tanto eles quanto os zeladores podem sempre comparecer. É preciso admitir que, apesar das notificações repentinas e da dificuldade de reunir todos os vizinhos, os zeladores vivem incentivando a participação dos vizinhos, em especial daqueles que podem se beneficiar das reuniões. Nesses casos, até se esforçam para mudar os horários.

Ontem, por exemplo, houve uma reunião de condomínio. O tema principal foi a sobrecarga de trabalho que os administradores vinham sofrendo. A questão foi levantada por eles mesmos. Propuseram a contratação de dois novos administradores que pudessem dar-lhes suporte. Insistiram que deveriam ser pessoas confiáveis. Alguns parentes se candidataram. Como de costume, não pude comparecer à reunião. Como descobri mais tarde, estavam os 8 zeladores, os 8 funcionários administrativos e outros 8 vizinhos. A moção foi aprovada por grande maioria, 16 a 8. Desconheço a composição dos votos.

Além dos detalhes da votação, o lado negativo desse resultado é que não haverá outra opção a não ser aumentar novamente as despesas para financiar os salários dos novos administradores. Por sorte, não estarei mais no edifício para pagá-los. O bom é que os novos vizinhos terão um emprego e que as tarefas administrativas devem ser simplificadas.

Da minha família, só eu permaneço morando no prédio. Mamãe e papai morreram há alguns anos. A vó se mudou para uma casa bem em frente ao prédio, pois devido à sua idade não pode subir escadas. Segundo ela, ela tem o consolo de olhar pela janela da casinha e ver seu antigo lar.

Às vezes sinto uma culpa estranha, mas verdadeira, por ter que deixar o edifício. É mais uma intuição do que um pensamento. Revejo minha vida, minhas ações e acho difícil encontrar uma razão para me culpar. Não tenho sido mau, nem preguiçoso, nem por ação nem por omissão. Sou uma pessoa boa, calma e respeitosa. Trabalho, estudo, ajudo minha vó que mora do outro lado da rua. Mas mesmo assim, não consigo me libertar desse sentimento de fracasso pessoal. No fundo, no fundo, sinto que mereço o que está acontecendo comigo, mesmo que não saiba realmente por quê.

Estas são as minhas últimas noites no edifício. Quando vou para a cama, olho para o teto alto e penso no iminente último dia do mês, quando tenho que sair do apartamento. Todas as noites, a imagem é mais ou menos a mesma. Fecho a porta do edifício. Com a chave na mão, percebo que não é mais minha e que não sei bem o que fazer com ela. Atravesso a rua e dou uma última olhada no edifício em ruínas. Como todas as manhãs, o sol o atinge em cheio. Percebo que ainda é desafiador graças à sua arquitetura orgulhosa. Ao contrário das calçadas, paredes e tetos, não é tão fácil destruir a ideia que lhe deu origem. «Adeus, querido edifício», penso. Antes de partir, sinto muitíssima pena. Depois de uma hesitação nostálgica, jogo a chave na sarjeta e vou embora. Ficam para trás o edifício e um longo período da minha vida.

# Letra para o tango «A Evaristo Carriego»

*Música recomendada para acompañar a letra: “Orquesta de Osvaldo Pugliese, año de grabación 1966, <https://www.youtube.com/watch?v=3N7MhkhlWBs>”*

*(recitado)*

*Como tierra del Paraná  
Lo arrastra al sur el destino  
Hasta encontrar su camino  
En el barrio de Palermo  
Donde un porvenir enfermo  
Será su más cruel vecino*

Se enamora pero escribe  
Lo traicionan pero escribe  
Lo abandonan pero escribe  
Se derrumba pero escribe

Es muy joven pero escribe

Y regresa al bar  
Para poder conversar  
Y no volver a pensar  
En el amor

Y recitar a viva voz  
Su gran dolor  
Disimulado en un poema

De un marginal  
De un arrabal  
De un par de guapos que se prueban

Y vuelve  
Y siente  
Y quiere

No  
No ansiar  
No atar  
No urgir  
No huir  
No odiar  
No

Lee a Almafuerbe pero escribe  
Lee a Cervantes pero escribe  
Lee a Lugones pero escribe  
Lee a Hernandez pero escribe

Se cuestiona pero escribe

«Y va a caminar  
Para volver a observar  
Aquello que muy pronto va  
A dejar»

El casamiento  
Deslumbramiento  
La costurera del mal paso  
De sobremesa  
Una sorpresa  
El silencioso en la trastienda

*(recitado)*  
*Invitación*  
*Revelación*  
*Frente a frente*  
*Por el ausente*

*¿No te veremos más?  
Ninguna más  
Has vuelto, Vulgar sinfonía  
La dulce voz que oímos todos los días*

Mira el cielo y se descarga:  
«¡Buenos Aires,  
No me he ido y ya extraño tus calles!

*¿Y ahora quién te va a mirar?  
¿Y ahora quién te va a escuchar?  
¿Y ahora quién te va a abrazar?»*

Se transpira pero escribe  
Ya no come pero escribe  
Tose sangre pero escribe  
Queda poco pero escribe

*(recitado)*  
*Y con la frente quemando  
Se le presenta La Muerte:  
«Rapsoda, vamos andando,  
Ya es hora, no se despierte»*

*(recitado)*  
*Entonces dice el poeta...  
«No se apresure Don Fuego  
He preparado sin ego...  
Unos versos para leerle  
Así mañana pueden creerle  
Que ha conocido a Carriego»*

—

### ***Evaristo Carriego***

Não conhecia Evaristo Carriego. A primeira vez que soube dele foi quando descobri o nome daquele tango incrivelmente dramático de que



tanto gostava: *A Evaristo Carriego*, composto pelo bandoneonista Eduardo Rovira. Embora não tivesse informações enciclopédicas sobre Carriego, sentia que já o conhecia um pouco, depois de ter escutado dezenas de vezes a música que por algum motivo lhe havia sido dedicada.

Fiquei imaginando quem seria Carriego, merecedor de um tango tão especial. Pesquisei e li sua biografia. Poeta argentino, nascido no Paraná, morou em Palermo e morreu aos 29 anos, de tuberculose. O que mais me chamou a atenção foram estas palavras de Borges:

«Lembro-me que o exemplar [de *Misas Herejes*], dedicado ao meu pai, era um dos vários livros argentinos que tínhamos levado para Genebra e que lá li e reli.»

Borges havia lido e relido o livro de Carriego. Isso merecia alguma consideração. Seguir esta conexão levava ainda mais longe. Borges também foi autor do livro *Evaristo Carriego*. Naquele momento, soube que um dia eu conseguiria esse livro.

### ***Evaristo Carriego, o livro***

As semanas, talvez meses, passaram. O ano de 2020 estava começando e eu havia terminado de escrever, pela primeira vez, uma letra de tango. Era a letra de *El Ingeniero*, até então um tango sem letra conhecida. Para facilitar o trabalho para futuros músicos, comecei a procurar sua partitura. Não havia nenhuma informação, exceto uma partitura original à venda em Mar del Plata. Graças a uma enorme coincidência, eu tinha que viajar para Mar del Plata alguns dias depois. Muitos aproveitarão este evento para confirmar que o acaso não existe. Reservei a partitura e, quase de passagem, pedi livros sobre Evaristo Carriego. «Sim, claro, tenho o do Borges», disse-me a voz confiante do vendedor. Sem saber plenamente, o fim da escrita de uma letra de tango se vinculava em silêncio com o início de outra. Talvez a mesma coisa esteja acontecendo neste exato momento com a letra que segue.

Li o livro. Não sou crítico de literatura e muito menos para fazer uma crítica de Borges. Pelo menos não sem dizer essas palavras primeiro. O livro me pareceu a soma desintegrada de dois livros. A primeira, um estudo sobre Carriego e sua obra, feito por Borges. A segunda, um conjunto de escritos de Borges sobre temas que têm alguma relação com Carriego: as letras escritas sobre os carros de Buenos Aires, o tango, os punhais, os

cavaleiros. O critério para juntar estes dois livros num só, intitulado Evaristo Carriego, pareceu-me inteiramente editorial.

Na primeira parte, se destaca o capítulo *Una vida de Evaristo Carriego*, onde Borges revê a vida de Carriego e a sua obra de forma bastante literária. Nos outros capítulos fala sobre Palermo, as origens do poeta de Entre Ríos e a interpretação de alguns de seus poemas. O escritor uruguaio Emir Rodríguez Monegal diz no prólogo de outra edição do mesmo livro, referindo-se a esta primeira parte:

«Tudo o que Borges toca se transforma em ficção. [...] Ao longo destas páginas, Carriego (sua poesia frágil e sentimental, seu limitado mundo suburbano, sua inserção hesitante na realidade) torna-se gradualmente mais um dos personagens de Borges. [...] Carriego não existe mais, ou talvez nem importe se já existiu. Mas há cada vez mais Borges, esse jovem escritor para quem Carriego era uma metáfora de muitas coisas; metáfora de uma Buenos Aires perdida; de uma atitude casual e até lateral em relação à poesia profunda; de uma admiração pela coragem e a faca que Borges (como Carriego) nunca quis esconder.»

A segunda parte do livro, em geral, tem uma relação muito indireta com Carriego. Ainda assim, os capítulos *Historia del tango e Historia de jinetes* são escritos muito valiosos que agradeço ter encontrado no mesmo livro. O primeiro faz observações originais sobre a história do tango e ainda mantém certa relação com Carriego, considerado um dos precursores das letras tangueras. A segunda explora o estereótipo do cavaleiro e em particular do gaúcho, um dos ancestrais imediatos do compadre suburbano.

### ***Versos de Carriego (seleção), o outro livro***

Há algumas semanas, reconsiderarei a possibilidade de escrever esta letra. Por vários dias não consegui me decidir, pois essa possibilidade estava em saudável competição com outras ideias sobre as quais também queria escrever. Estava nesse debate interno quando encontrei o livro *Versos de Carriego (seleção)* em uma livraria de usados na rua Rivadavia. Até onde lembrava, nunca havia encontrado um livro de Carriego em uma livraria. Ou talvez sim, mas, como também fazemos com as pessoas, nunca tinha lhe prestado atenção. Este evento talvez inexplicável inclinou a balança de minha próxima escrita para estas linhas. Era um sinal difícil de evitar, mesmo para um cético como eu. Comprei o livro por menos de um terço de dólar (que sentido teria expressar seu valor em pesos?). Por um preço

semelhante, comprei também o livro *Cuentos mortales* de Leopoldo Lugones, algo como o anti-autor de Carriego.

O prólogo do livro *Versos de Carriego (seleção)* também é de Borges. É uma espécie de resumo de toda a primeira parte do livro *Evaristo Carriego*. Diz, por exemplo:

«A descoberta, digamos assim, do nosso subúrbio define o mérito essencial de Carriego. [...] Aos personagens de sua obra — o *guapo*, a costureirinha que deu aquele passo errado, o cego, o tocador de realejo — força a acrescentar outro, o menino tuberculoso e de luto que caminhava lentamente entre as casas baixas, ensaiando algum verso ou parando para ver o que logo deixaria.»

O próprio Borges define Carriego como mais um personagem na obra de Carriego. Talvez seja uma forma borgesiana de concordar com Rodríguez Monegal: Carriego é, na verdade, mais um personagem da obra de Borges.

Ter a orientação de Borges facilitou muito a internação nos poemas de Carriego. Borges diz nesse livro:

«A mais deliberada página de humor deixada por Carriego é *El casamiento*. É a mais portenha também. *En el barrio* é quase uma entrerriana de boa aparência; *Has vuelto* é um único e frágil minuto, uma flor do tempo, de um único pôr do sol. *El casamiento*, por outro lado, é tão essencial de Buenos Aires quanto os cielitos de Hilario Ascasubi ou *Fausto Criollo* ou o humor de Macedonio Fernández ou o início festeiro dos tangos de Greco, de Arólas e de Saborido.»

Se não me considero apto a fazer crítica literária (sou muito mais apto a recebê-la), isso é ainda mais verdadeiro quando falamos de poesia. É um mundo que, em geral, é estranho pra mim.. Se a poesia de Carriego me interessou, foi porque já tinha lido Borges antes e porque tinha a necessidade urgente de fazê-lo para escrever esta letra. A verdade é que nenhum dos poemas foi especialmente memorável para mim.

### ***A composição***

Verifiquei duas vezes que este tango não tinha letra. A primeira, quando pensei seriamente em escrever uma pela primeira vez. A segunda, meses depois, quando me sentei pela primeira vez para fazê-lo.

À medida que avançava na composição, confirmei o que já sabia no fundo, aquilo que havia feito eu demorar para começar a escrever. A música

tinha tal complexidade (ao menos para mim) que tornava pelo menos desafiante a tarefa de compor uma letra. Não tinha sentido isso quando escrevi a letra de *El ingeniero*.

Eu não costumo duvidar da minha capacidade de obter resultados, por mais pobres que sejam. Sim duvidava, no entanto, da minha capacidade de obter uma letra que merecesse meu orgulho. Diante dessa hesitação, como tantas outras vezes, a literatura veio em meu socorro, neste caso nas recentíssimas páginas de *Historia del tango*:

«Num diálogo de Oscar Wilde lemos que a música nos revela um passado pessoal que até então ignorávamos e nos leva a lamentar desventuras que não nos aconteceram e faltas que não cometemos. [...] Talvez a missão do tango seja esta: dar aos argentinos a certeza de terem sido valentes, de já terem cumprido as exigências de valor e honra.»

Como um dos cavaleiros de *Historia de jinetes*, como aquele gaúcho de *El desafío* que pisou na mão gravemente ferida para arrancá-la e continuar lutando, baixei a cabeça e investi contra a página em branco. Muitas vezes senti bater em uma parede. A resposta era a única possível para quem não tem o dom da genialidade: redobrar os esforços, multiplicar as horas de trabalho. Essa ideia me levou a uma possível verdade: os gênios não necessariamente realizam obras de maior qualidade, mas as realizam mais rapidamente; e com dedicação, claro, também conseguem um número maior delas. Mas atenção: a genialidade, como o infinito, não admite quantificações tão facilmente; uma obra genial não é necessariamente menos do que uma coleção de várias obras geniais.

Para escrever as letras, precisava, é claro, contar com uma música. Desde o primeiro momento, tive certeza de que seria a grande versão de Bandonegro (<https://www.youtube.com/watch?v=4nrwRIulWSo>), uma orquestra de tango polonesa. No entanto, pouco antes de começar, fui invadido por uma espécie de aviso, também da *Historia del tango*:

«O tango pode ser discutido, e o discutimos, mas contém, como tudo verdadeiro, um segredo. Os dicionários musicais registram, aprovados por todos, sua definição breve e suficiente; esta definição é elementar e não promete dificuldades, mas o compositor francês ou espanhol que, confiando nela, confecciona corretamente um 'tango', descobre, não sem espanto, que confeccionou algo que nossos ouvidos não reconhecem, que nossa memória não hospeda e que nosso corpo rejeita. Diria-se que sem entardeceres e noites em Buenos Aires não se pode fazer um tango.»

Essa reflexão levou-me a procurar, a considerá-la como alternativa, a versão da orquestra de Pugliese (<https://www.youtube.com/watch?v=3N7MhkhIWBs>). Não precisei terminar de ouvir para entender que minha composição seria baseada nessa última versão e não na polonesa. Sabia que a versão de Pugliese, por razões difíceis de racionalizar, me ajudaria muito a encontrar as palavras certas. Na verdade, era mais do que isso: soube que era minha única chance de conseguir. O leitor fica com o desafio de ouvir as duas versões e decidir o quão certa foi minha conclusão.

Depois de muitas horas de frustração e, claro, graças a isso, pude desfrutar da satisfação inversa de chegar a um resultado.

Há perguntas que eu me fiz durante todo o processo de escrita. O que há de mim nessa música com a qual me sinto tão conectado? O que há de Carriego naquela música que foi dedicada a ele? O que há de Carriego, em última instância, em mim?

“Chego à questão da doença dele, que acho importantíssima. [...] Ele sabia que estava dedicado à morte e sem outra imortalidade possível senão a de suas palavras escritas; por isso, a impaciência da glória. [...] Compreendeu que a consagração lentíssima alcança em vida a poucos anciãos, e sabendo que não produziria uma pilha de livros, abriu o espírito circundante à beleza e gravidade de seus versos. [...] A premonição da morte incessante urgia. Carriego cobiçava o generoso tempo futuro dos outros, o afeto dos ausentes. Por esta conversa abstracta com as almas, passou a desconsiderar o amor e a amizade sem suspeitas, reduzindo-se a ser a sua própria publicidade e seu apóstolo.»

Não estou doente, ou estou sem saber, ou sei sem saber, ou talvez todos estejamos a partir do momento em que compreendemos que a morte é nossa única certeza. Não procuro a glória, ou procuro-a sem o saber, ou procuro-a sabendo sem querer assumi-la, ou talvez essa urgência que sinto se deva à certeza feroz de que a vida é muito frágil e curta, de que tudo pode acabar a qualquer momento, de que o tempo é curto e está acabando.

«Carriego acreditava que tinha uma obrigação com seu bairro pobre: uma obrigação que o estilo vilanesco da data traduzia em ressentimento, mas que ele sentiria como uma força. Ser pobre implica uma posse mais imediata da realidade, atropelando o primeiro gosto áspero das coisas: conhecimento que parece faltar aos ricos, como se tudo fosse filtrado para eles. Evaristo Carriego julgou-se tão endividado com o seu meio, que em duas ocasiões diferentes da sua obra se escusou de escrever versos a uma

mulher, como se a consideração da amarga pobreza do bairro fosse o único uso lícito do seu destino.»

Não acho que tenho uma obrigação com meu bairro pobre, embora eu tenha uma com minha terra que se empobrece. Talvez sejam duas formas de acreditar na mesma coisa, apenas separadas por cem anos de história. Essa obrigação é também para mim, sem dúvida, uma força. O empobrecimento pode continuar, mas continuarei escrevendo. Sentirei em mim o desespero dos verdadeiramente despossuídos, mas continuarei escrevendo. A adversidade recorrente virá me marcar com sua faca, mas continuarei escrevendo. Verei a Morte aparecer diante de mim, mas continuarei escrevendo.

# O fim dos nomes científicos

*«Tenho uma prova verdadeiramente maravilhosa para essa afirmação, mas essa margem é muito estreita para contê-la.»*

*Pierre de Fermat*

Quando participei da Feira Sul-Americana de Aves (San Martín de los Andes, 2010), o mais importante encontro de observadores de aves do hemisfério sul, nunca imaginei que minha intervenção do público seria o fim dos nomes científicos. Ou é nisso que acredito e quero que todos acreditem, abusando da sempre limitada informação disponível. Nem imaginei que hoje, sete anos depois, eu decidiria forçar esse fim usando literatura.

Ao longo dos meses que se seguiram, meu discurso naquele dia se transformou no Sistema Universal de Identificação de Espécies (SUIE). Um sistema que, em todo esse tempo, não chegou a nenhum guia de observação de aves, nenhum livro de biologia, ou lugar algum, apesar do apoio recebido das mais altas autoridades ornitológicas da Argentina e do Brasil. Muito menos, é claro, conseguiu alcance internacional, especialmente porque os pais da observação de aves, os ingleses — nas palavras dos ornitólogos latino-americanos — jamais aceitariam, muito menos adotariam, uma mudança de paradigmas vinda do extremo sul.

É claro, devo admitir que fiz muito pouco para que algo assim acontecesse. Para ser mais preciso, não fiz quase nada. A razão é muito simples: o assunto não me interessou o suficiente para seguir em frente e cumprir os passos formais que a ciência exige. A mera ideia de perseguir biólogos ou realizar trabalhos científicos sobre o assunto gera em mim um sentimento incontrolável de desmotivação e tédio, sem dúvida decorrente da minha falta de vocação científica.

É assim que, agora que sou escritor, decidi levar SUIE para o campo das letras. Talvez a literatura seja o motor que o impulsiona, em vez de pesquisas científicas, redes de influência ou persistência feroz. Caminhos que, além de me incomodarem, estão superlotados.

É necessário, então, reconstruir os acontecimentos ocorridos durante aquela Feira. Como de costume, muitos detalhes já escaparam da minha

memória, mas farei um esforço para lembrá-los. Ou, pelo menos, inventá-los.

Lembro-me, por exemplo, que fui de ônibus a San Martín de los Andes, saindo de Buenos Aires, numa viagem que durou mais de vinte horas. Infelizmente, não foi a paixão pelos pássaros que me levou tão longe, mas a responsabilidade cinzenta de ser o responsável pela divulgação digital do evento. E, principalmente, a comodidade de ter sido convidado. Devo enfatizar que a uma excelente organização e ao caloroso tratamento pessoal recebido, somaram-se a beleza patagônica e o privilégio de compartilhar o evento com amigos próximos.

Se existe uma comunidade de pessoas doces, amigáveis e gentis, são os observadores de pássaros. Sábia mistura de biólogos, ornitólogos e amadores, em geral com tempo livre, amor pela natureza e possibilidades materiais para viajar. Uma combinação tão terna, tão carente de escuridão, que até gera suspeita. Essas pessoas (e todas as pessoas) têm um lado nebuloso e proibido? Por que não consigo nem vislumbrar isso neles? Estão escondendo isso deliberadamente? Será que eles vão explodir a qualquer momento?

Minhas dúvidas não impediram o início da Feira, cujos eventos previstos na agenda começaram a se materializar. Li o programa e uma das palestras-debate do dia seguinte me chamou a atenção, pois parecia relevante para o escopo da minha formação profissional, a Engenharia de Informática. Resolvi que iria participar.

Cheguei ao evento com alguns minutos de sobra, sem sentimentos precisos. A sala era grande e repleta de pessoas. A comunidade de observadores estava realmente interessada no assunto ou talvez não tivesse alternativas melhores. Quando a conversa-debate começou, o problema foi levantado de forma clara pela mais alta autoridade ornitológica do Brasil.

Apesar das minhas limitações gerais e da minha memória frágil, tentarei descrever o problema da forma mais simples possível, esperando que os biólogos taxonomistas, se necessário, me perdoem.

Quando uma espécie de ave muda de gênero, há um conflito entre o antigo nome da espécie e o novo gênero. Como referência conceitual, uma família agrupa gêneros e um gênero agrupa espécies.

O nome oficial de uma espécie é dado por um nome científico. Por exemplo, o nome científico do pombo é *Columba livia*. Em linhas gerais, a



mesma coisa acontece com todos os seres vivos, desde uma samambaia (*Pteridium aquilinum*) até o ser humano (*Homo sapiens*).

Um nome científico é composto de duas partes. A segunda, chamada de epíteto específico, é relativamente arbitrária e define a especificidade da espécie. A primeira, denominada gênero, pode ser compartilhada por uma ou várias espécies que possuem certas características em comum; por exemplo, o gênero do pombo (*Columba livia*) é *Columba* e é compartilhado por cerca de trinta e quatro espécies. É nesta primeira parte que se concentram os problemas.

Quando uma espécie é alterada de gênero, talvez devido a uma nova descoberta, há um conflito entre o nome antigo (ancorado no gênero) e seu novo gênero. Suponhamos, para sermos brutais, que descobrimos que os pombos são, afinal, ratos alados. Se simplesmente transferíssemos o pombo (*Columba livia*) para o novo gênero (*Rattus*), teríamos um absurdo semântico, pois a primeira parte de seu nome, *Columba*, não teria nada a ver com o novo gênero, *Rattus*. O que os ornitólogos fariam, então, seria mudar o nome científico da espécie para algo como *Rattus livia*.

Uma vez oficializada a mudança de nome, todos os livros, relatórios e documentos que falavam sobre essa espécie ficariam desatualizados, dando origem a um grande número de micro problemas, confusões e conflitos semânticos. A questão, então, era como resolver esta questão.

Depois de anos estudando Ciência da Informação (ou seja, a Informática), uma possível solução para o problema ficou evidente para mim desde o primeiro momento. Levado pelo erro habitual de acreditar que os outros podem ver as coisas como a gente vê, presumi que o público também rapidamente o vislumbraria. O debate tornou-se intenso, longo e, aos meus olhos, colorido. As pessoas participaram com entusiasmo, propondo as ideias mais bizarras. Quando finalmente percebi que o debate ia se prolongar, fui em busca de uma bebida e uns biscoitos deliciosos.

Só no final, quando o debate estava muito travado e a solução que eu tinha em mente nem sequer ameaçava aparecer, levantei a mão para dar minha contribuição.

—Olá a todos, meu nome é Javier. Eu estava ouvindo as intervenções com muito cuidado. Algumas me pareceram altamente... originais, embora erradas. A verdade é que estou aqui por acaso. Não sei nada sobre pássaros, observação ou biologia. Talvez seja isso que me permita visualizar o problema e uma possível solução com clareza. É que, infelizmente, sou

Engenheiro de Informática. O problema proposto é um caso típico de «problema de identidade»; deixe-me dizer-lhe o que isso significa. Todo código de identidade, assim como um documento nacional de identidade (DNI), deve necessariamente obedecer a dois princípios: não se repetir e não mudar. Se tivéssemos códigos repetidos ou se eles tivessem a possibilidade de mudar, seria muito difícil de cumprir o objetivo de identificação. O nome científico, por mais antigo e querido que seja, não condiz com eles, mais especificamente com o de não mudar. Porque não? Porque quando uma espécie muda de gênero, isso também leva a uma mudança de nome, o que viola o princípio de não mudar. Quero ser bem claro neste ponto: se durante o primeiro ano da Faculdade de Engenharia, diante do problema de definir um código de identidade para as espécies, eu propusesse algo como o nome científico, seria automaticamente avaliado com um zero e, além disso, seria justamente caluniado por escolher o idioma latim morto para o meu código. A maneira mais universal e prática de evitar esse problema é não usar latim morto para o código de identificação, nem inglês, nem grandes tabelas, nem sistemas de informática, como alguns sugeriram, mas números. Os códigos de identificação corretos e bem-sucedidos são baseados em números, como os documentos de identidade nacionais. Eventualmente combinados com letras sem sentido, como placas de carros. Que os números e letras do código de identidade não tenham significado é importante para evitar conflitos no caso de possíveis mudanças de categoria, como ocorre com o gênero no caso das espécies. Em suma, a solução seria substituir os nomes científicos por códigos numéricos ou alfanuméricos sem sentido. O nome científico pode ter significado um avanço há duzentos e cinquenta anos, mas às vezes o valor de uma tradição não é suficiente para sustentar um erro que gera problemas.

Já no final da minha intervenção, os murmúrios ganharam volume e tornaram-se perceptíveis. Eu tive que levantar minha voz para terminar, e quando o fiz, os sentimentos reprimidos da platéia explodiram. Metade da plateia irrompeu em aplausos quando se viraram para me olhar de um jeito sorridente e aprovador. A outra metade me vaiou e me mostrou seus rostos desconexos e avermelhados, enquanto gritava coisas que eu não entendia ou não me lembro, levantando as palmas das mãos ou os dedos indicadores. «Traidor!», alguém gritou lá atrás, disso sim me lembro.

Quando a multidão se acalmou, um homem de quarenta e poucos anos tomou a palavra . Tinha barba, cabelos compridos e um inegável coração romântico. Estava em frenesi e apontava para mim enquanto falava.

— Nós que amamos os pássaros não vamos permitir que alguém como você transforme a natureza em números frios. Aves não são um produto!

Como tantas vezes na história, a metade que não tinha entendido rugiu de satisfação com as belas palavras do Barba e as acompanhou ruidosamente com aplausos e exclamações de apoio. A outra metade apenas riu e comentou a situação. Tomei a palavra mais uma vez.

—Não se preocupem, não estou aqui para convencê-los de nada. Simplesmente estava sentado aqui ouvindo e como o problema não se resolvia, parecia uma boa ideia compartilhar minha proposta de solução. Tampouco pretendo transformar pássaros em produtos, uma ambição que não poderia alcançar mesmo que quisesse. Assim como não lhes chamo pelo DNI, não proponho que chamemos as aves pelo seu código de identificação, nem que quando saímos para observar as aves digamos «Olha Barba querido, tem um 18 voando»; embora alguns possam fazer, como fazem agora com nomes científicos. A solução não vai mudar a experiência atual de observação de pássaros, nem o amor pelos pássaros, mas vai fornecer um código de identificação sem os problemas que vocês mesmos vêm descrevendo. Seu uso pode ser limitado a aspectos formais ou científicos, sem a necessidade de incomodar amadores que, aliás, já estão bastante incomodados por serem expostos ao latim morto. E o mais importante, não sou biólogo, nem observador de pássaros, nem quero ser — houve outra vaia—... o que quero dizer é que não tenho nenhum interesse particular nesta solução que, gostem ou não, resolve o problema apresentado. Vocês podem fazer com ela o que quiserem.

Um novo tumulto tomou conta da sala e, de fato, encerrou um evento que já havia se estendido muito além do esperado. As pessoas levantavam e vinham, tanto para me parabenizar quanto para me repudiar. Fiquei surpreso com as repercussões da minha intervenção.

Entre as pessoas que compareceram ao final do evento estava o organizador da Feira, que me convidou para apresentar minha proposta de solução na Feira do ano seguinte. Não encontrei nenhuma razão para recusar o convite, então mais uma vez me deixei levar pelos acontecimentos e disse sim.

Aliás, no ano seguinte expus novamente na Feira, desta vez da frente da sala, perante um público muito menos concorrido e interessado. O mais notável foi a participação de uma das maiores autoridades ornitológicas da Colômbia, cuja maior contribuição foi zombar de mim e de minha proposta ao longo da apresentação, sem sequer tentar entender o que eu estava dizendo. Como estava acostumado a fazer, comentei que não tinha nenhum interesse especial em impor minha proposta e que, se ele quisesse falar de idéias ridículas, poderíamos aprofundar o uso do latim morto como código de identificação.

Foi assim que a segunda das minhas Feiras decorreu sem intercorrências para o SUIE, cuja vitalidade se diluiu até hoje, quando a passagem do tempo o encontra a um passo do esquecimento. Um destino talvez impossível, já que o inevitável carece de capacidade de extinção.

O fim dos nomes científicos começou naquele dia, em San Martín de los Andes, mas ainda está longe de terminar. Só o tempo dirá se a Literatura pode alcançar o que a Ciência da Informação, com suas razões, não conseguiu.

# Por fim, o fim

## Como me contactar

- Web. Versões digitais dos meus livros. Fazer download de forma gratuita em

[jmguerrera.com.ar](http://jmguerrera.com.ar)

- Blog. Os relatos deste livro, traduções e mais, prontos para compartilhar:

[medium.com/@jmguerrera](https://medium.com/@jmguerrera)

- Email. Para me escrever e contar o que você achou do livro:

[jmguerrera@gmail.com](mailto:jmguerrera@gmail.com)

- Instagram. De vez em quando faço sorteios de livros.

[@jmguerrera](https://www.instagram.com/jmguerrera)

- WhatsApp.

[+54 9 11 2283 9356](https://api.whatsapp.com/send?phone=5491122839356)

## Você pode ajudar muito se:

- Me escrever e me contar com total honestidade o que achou do livro. Sem dúvida, críticas positivas e negativas me ajudarão a melhorar no futuro. Os pontos a seguir são relevantes apenas se você gostou do livro.

- Contribuir com este «libro a la gorra» (ver página 1).

- Participar do financiamento coletivo (crowdfunding) dos meus próximos livros:

- - Comprando livros assinados por adiantado.

- - *Acompanhando* algum relato dos meus próximos livros. Desta forma, poderá concretizar o sonho sempre adiado de se tornar um (mini) patrono. Exemplos desse formato já podem ser encontrados neste mesmo livro, como notas de rodapé ao final das dois primeiros relatos.

- Fizer circular este livro.

- Me ajuda a distribuir meus livros entre seus amigos leitores. Eu posso te dar uma pilha de livros.

- Compartilhar nas redes sociais:

- - Seus contos favoritos. Você encontra publicados no meu blog, googlá-los!

- - Uma foto do livro.

- Deixar uma crítica do livro em plataformas como GoodReads

- Me colocar em contato com alguma editora que possa se interessar em publicar este livro, os anteriores ou os próximos.
- Me ajudar a traduzir os relatos para o seu idioma

### **Outros livros de minha autoria**

1. *Punto Rosalía.*
  2. *Una aventura miserable.*
  3. *Esto no va a ser fácil.*
  4. *Sucesión de despertares en una ciudad desconocida.*
  5. *La maldad imperceptible.* Selección.
  6. *Libro del futuro.*
  7. *La ansiedad detrás de todo.*
  8. *Los malditos genios.* Selección.
  9. *Expulsado del País de los Lectores.*
  10. *Demasiado ruido en la mañana.* Selección.
  11. Libro em desenvolvimento, se publicará no final de 2022.
- Podem baixar grátis no meu site.

### **Agradecimentos desta edição**

*«Agradeça à chama por sua luz ,  
mas não se esqueça do castiçal que, constante e paciente, sustenta-a na  
sombra. »  
Rabindranath Tagore*

Aos leitores por seu apoio.

À minha irmã Mer, pela revisão de todos os textos, mas também por me ajudar a buscar a profundidade que poderia haver neles. Nela admiro sua honestidade e coragem para enfrentar a verdade, começando pela própria. Recomendo seu blog «*Última estación: fideos con queso*» e seus livros de contos.

Ao meu amigo Mariano, por sua ajuda em todas as questões relacionadas ao desenho visual do livro. Sua humildade e generosidade são admiráveis.

À Oto, Gaby, Silvina, Luca y Mariana, pela ajuda em diferentes frentes deste livro.

À Caro y Olga, que ajudaram a traduzir alguns dos escritos para o inglês e reusso. Essas traduções estão disponíveis no meu blog.

À Pablo, Lari y Corina, por utilizar este livro com seus alunos e compartilhar comigo suas experiências.

Ao meu amigo Gonza, que me apóia com seu permanente e pouco sério assessoramento; e com seu vinho de grande qualidade. À Ceci, também.

Aos meus pais, os incondicionais.

A todos os que me ajudaram no processo de criação do livro.

Aos que ainda não me ajudaram, mas que em breve o farão.

## **Ilustração da capa**

O autor da maravilhosa ilustração da capa é Mariano Jofré. Ele gosta de desenhar e pintar. Sua conta no Instagram é @jofremariano.

## **Breve biografia**

*«..não há nudez mais genuína e terrível que a expressão artística, se é autêntica; já que toda obra de arte é uma autobiografia, não no sentido literal da palavra, mas no sentido mais profundo e grave: uma árvore de Van Gogh é Van Gogh, é sua própria e desnuda alma diante de nós.»*

*Ernesto Sabato*

Se Sabato estiver certo, poderão me conhecer melhor lendo os contos deste livro do que as poucas linhas que seguem. Ainda assim, vou escrevê-las, porque meus conselheiros mais comprometidos insistiram com que «não encha o saco com Sabato e Van Gogh, a gente quer dados concretos».

Sempre escrevi. Primeiro, fiz muito informalmente, com humildes fotocópias, depois em um jornal de bairro e depois em alguns blogs. Entre 2016 e 2022, publiquei dez livros (sete originais e três seleções).

Nunca participei de uma oficina literária. Isso pode explicar o resultado deste livro, seja ele qual for. Não é que me oponha, muito pelo contrário,

mas sempre que tenho tempo para a literatura, prefiro dedicá-lo à escrita ou à leitura.

Também não me oponho a publicar com uma editora, mas o trabalho de encontrar uma é um projeto em si, geralmente árduo e não relacionado à literatura. Por sorte, ou por determinação, existem caminhos alternativos.

No começo, participava de concursos literários. Mas não o faço mais, por várias razões, como o tédio dos processos de participação e minha desconfiança instintiva e injustificada com relação aos jurados.

Por isso, ou porque não sou tão bom assim, não ganhei prêmios ou reconhecimentos do gênero. Isso não é importante para mim, mas são coisas frequentemente mencionadas em biografias.

Não vivo de literatura. Isso me facilita escrever e publicar com enorme liberdade, sem nenhum tipo de condicionamento.

Agora sim, os dados concretos. Nasci em Palermo, Buenos Aires. Cresci no subúrbio, em San Andrés, meu bairro. Lá fiz parte do Colégio Agustiniano, do Clube Tres de Febrero (onde me formei como Salva-Vidas), da Biblioteca Diego Pombo e do grupo Vecinos de San Andrés. Mais tarde me formei como Engenheiro de Computação (UBA). Paralelamente, passei no primeiro ano de Ciência Política (UBA). Uma vez recebido, fundei uma pequena empresa com meu amigo Mariano, Drupal Soul. Nos últimos anos, pude fazer muitas viagens pela América Latina, Europa, Ásia e América do Norte. E também estive aprendendo a dançar tango.

Por fim, o mais importante: estou muito feliz em escrever, publicar e compartilhar este livro com vocês.



## **Licencia de Cultura Livre**

Algo notável sobre esta edição é que ela é publicada sob uma licença Creative Commons muito aberta que se qualifica como uma «Licença de Cultura Livre». Isso significa que, sob os termos daquela licença, por exemplo, este livro pode ser fotocopiado ou editado livremente, inclusive para fins comerciais.

*Esta obra está sob uma Licencia Creative Commons Atribución – CompartirIgual 4.0 Internacional. Esta é uma Licença de Cultura Livre!*

## **Burocracia**

Um dos aspectos positivos da autopublicação é que se pode dar à burocracia o lugar quemerece: o pior de todos. Não o final, mas justo antes.

*Primeira edição impressa. Editado por Juan Manuel Guerrera en San Andrés, Buenos Aires, Argentina, durante março de 2022. Impreso en Argentina. Queda hecho el depósito que establece la Ley 11.723.*

**Se já terminou de ler o livro, por favor passe-o :) Prometo continuar imprimindo exemplares até O Último Dia, tantos quantos puder, para que um deles chegue até você novamente.**

# Notas

[←1]

Em parte, você pôde ler esta história graças a Gabriela Wiesztort, que *ao acompanhá-lo* ajudou a financiar a impressão deste livro. Se quiser acompanhar uma história dos meus próximos livros, procure mais informações no final, na seção *Como colaborar*.

[←2 ]

Esta historia foi publicada pela primera vez no mês de Agosto de 2020.